

a fragata

REVISTA DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL

ANO XXXVIII N° 38 1989



TURMA ALTE PAULO MOREIRA



22 ANOS

MARTINS

NA HORA
DA DECISÃO...
O MELHOR!

COLÉGIO NAVAL

1982



JOSE GENTILE

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO DO BRASIL

*Das 40 primeiras colocações, 28 foram nossas!
E mais: dos 91 aprovados do Rio, 68 do MARTINS!*

1983



LUIZ GUSTAVO
VAGOS

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO DO BRASIL

*Das 20 primeiras colocações, 13 foram nossas!
E mais: dos 130 aprovados do Rio, 66 do MARTINS!*

1984



MARCELO MENEZES
CARDOSO

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO DO BRASIL

*Das 15 primeiras colocações, 10 foram nossas!
E mais: dos 133 aprovados do Rio, 76 do MARTINS!*

1985



AYRTON JOSE
C. B. NETO

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO DO BRASIL

*Das 10 primeiras colocações, 6 foram nossas!
E mais: dos 120 aprovados do Rio, 66 do MARTINS!*

1986



MARCELO A. FAYAL

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO DO BRASIL

*Das 10 primeiras colocações, 7 foram nossas!
E mais: dos 230 aprovados do Brasil, 81 do MARTINS!*

1987



EDUARDO FAVERO

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO DO BRASIL

*Das 10 primeiras colocações, 8 foram nossas!
E mais: dos 234 aprovados do Brasil, 81 do MARTINS!*

1988



GIOVANNI GIDIA
SCHMIDT
(5º Lugar Geral)

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO EM APROVAÇÃO

Dos 250 aprovados do Brasil, 102 do MARTINS!

1989



LUCIANO GONCALVES
DE OLIVEIRA
(3º Lugar Geral)

1º LUGAR GERAL E ABSOLUTO EM APROVAÇÃO

*Das 20 primeiras colocações, 11 foram nossas!
E mais: dos 212 aprovados do Brasil, 86 do MARTINS!*



A diretoria de "A FRAGATA" em uma de suas reuniões

MENSAGEM DA REDAÇÃO

O tempo passou e a saudade ficou. Resta-nos agora a vontade de reviver os momentos inesquecíveis de nossas vidas no Colégio Naval. As páginas desta revista refletem os anos cheios de recordações que marcaram a vida de cada um da Turma Almirante Paulo Moreira.

Já não somos mais aqueles meninos que, em 1987, com passos tímidos, adentravam pela primeira vez os portões daquele que seria o nosso novo lar. Vivemos intensamente durante três anos, tempo em que a amizade e a união superavam qualquer dificuldade. A vida no CN nos ensinou muito e por isso esculpiu para sempre em nossos corações um profundo sentimento de gratidão e saudade daquilo que não mais teremos de volta, mas que jamais esqueceremos: A ESCOLA DA NOSSA VIDA: "O COLÉGIO NAVAL".

A Redação

SOCIEDADE
ACADÊMICA GREENHALG

ANO XXXVII - N.º 38 - JANEIRO 1989

EXPEDIENTE

Diretor

Al. Marcus Vinicius Almeida Silveira

Secretário

Al. Antonio Braz de Souza

Editor-Chefe

Al. Marcelo Moraes Rodrigues

Editores

Al. Marcelo Lúcio Lessa
Al. Marcelo de Lima Santiago Faulhaber
Campos
Al. Guilherme Gonzales Cronenberguer
Parente

Redator-Chefe

Al. Marcelo Felipe Alexandre

Redatores

Al. Marcos César de Mello Pinto
Al. Sérgio Antônio Ferrari Filho
Al. Neif Simão Pellini
Al. Olinto Marcelo Macedo da Silva

Chefe de Relações Públicas

Al. Vagner Belarmino de Oliveira

Relações Públicas

Al. Marcelo Felipe Alexandre
Al. Vinicius Azevedo Lima

Oficial Orientador

CT (QC-CA) Everaldo Luiz Millaré

Fotografia

Al. Silvio Fernando Ferreira

Desenhista

Al. Maurício dos Santos Silva

Agradecimentos Especiais

Sr. Guilherme Tavares Costa e todas as
empresas que anunciaram nesta revista

Supervisão Gráfica

Antônio Alves Bonfim Goes

Projeto e Diagramação

Célia Maria Barros Gutiérrez

Arte-Final

Marcos Mendonça de Moraes

Revisão

Ana Regina Cyrillo Gomes
Donato Barbosa do Amaral
Yelmo de Carvalho Toledo Papa

Fotocomposição, Fotolito
Impressão e Acabamento
Imprensa Naval

a fragata



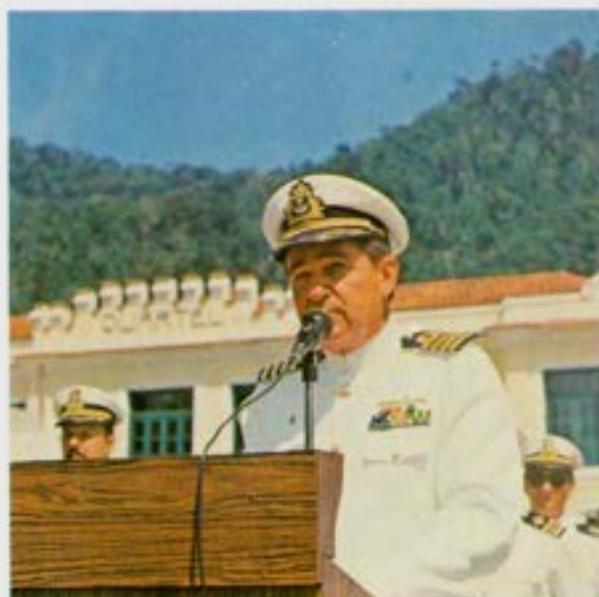
Capa: Foto submarina tirada
pelo grupo de Mergu-
lhadores de Combate
(GruMeC) nos arredores
da Ilha de Trindade

Foto: CMG Carlos Alberto
Antunes Conde

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|----|
| MENSAGEM DA REDAÇÃO | 1 |
| MENSAGEM DO COMANDANTE | 3 |
| DIÁRIO DE BORDO | |
| AULA INAUGURAL 1989 | 10 |
| COLÉGIO NAVAL | 12 |
| FORMAÇÃO PROFISSIONAL | 14 |
| SAG 89 | 18 |
| ANIVERSÁRIO DO C.N | |
| ASSISTÊNCIA RELIGIOSA | 32 |
| AO CT PASCOAL | 33 |
| EQUIPES | 35 |
| ESPORTES | 41 |
| O "GINGILIM" | 50 |
| X REGATA COLÉGIO NAVAL | 51 |
| DEPARTAMENTO DE ALUNOS | 53 |
| O PATRONO | 54 |
| A TURMA 1987 | 60 |
| ATÉ BREVE... | 70 |

Mensagem do Comandante



Caros Alunos,

Foram 3 anos. Ao lado do que aconteceu de bom, de belo, de sonhos realizados e alegrias vividas, vivestes preocupações, contrariedades e talvez até desilusões. Os sentimentos que irão prevalecer terão de ser buscados no íntimo de cada um de vós e a resposta pode ainda demorar a ser encontrada.

87! 87! 87!...

Senti diversas vezes a empolgação de todos ao gritarem a uma voz o ano em que aqui chegaram, demonstrando a união que afinal forjou o espírito da Turma 1987. Esse espírito irá acompanhar-vos e consolidar-se-á na Escola Naval. Ide confiantes para essa próxima etapa, pois a base sólida foi obtida com o aproveitamento que todos alcançaram ao longo desses anos no Colégio Naval.

Aqui começou vosso contato íntimo com a Marinha do Brasil, onde se cultivam tradições, se aprende, se pensa, se trabalha com responsabilidade e se serve à pátria. Entregai-vos à Instituição, deixai-vos ser conduzidos e logo vos sentireis parte dela. Tendes a certeza de que cedo passareis a ter orgulho de a ela pertencer. Vereis então nascer naturalmente um sentimento fundamental e comum a todos os Oficiais da Marinha — o entusiasmo e o amor pela carreira.

Boa sorte, sede felizes.

ODILON LUIZ WOLLSTEIN
Capitão-de-Mar-e-Guerra
Comandante



RÁDIO GRAVADOR STEREO
CS-1800 CD
 Compact Disc Player
 Memória Programável



TV COLOR 14"
HPS - 1430R
 VHF e UHF conjugados num único seletor
 HPS - High Performance Screen
 Controle remoto com 28 funções
 Timer



POCKET STEREO
PS-89

- RADIO AM/FM Stereo
- Saída para fone-de-ouvido Stereo
- TAPE com auto-stop



VCR-10X
VIDEO CASSETTE RECORDER

- Programação até 14 dias e 6 programas
- Auto Power On e Auto Play - mesmo com o videocassete desligado, ao introduzir-se a fita, este é ligado automaticamente
- One-Touch Recording - um toque para gravar
- Display fluorescente que indica as multifunções do aparelho
- Reprodução e gravação até 8 horas no modo SLP com fita T160

Imprensa Naval



buscando qualidade a preços acessíveis

A IMPRESA NAVAL, visando a um melhor atendimento às necessidades dos serviços gráficos do Ministério da Marinha, de outros órgãos públicos e demais serviços extramarinha, entrou na era da editoração eletrônica, acompanhando o ritmo acelerado da tecnologia e a evolução do mercado gráfico, para proporcionar a seus clientes produtos de qualidade a preços acessíveis. Contando com mão-de-obra e maquinário especializados para projetar, desenvolver e produzir livros, jornais, revistas, boletins, formulários contínuos, cartões sociais e outros impressos, a IMPRESA NAVAL, também, oferece a seus usuários assessoramento técnico, quanto à editoração de suas publicações, desde a entrega dos originais até o produto final.

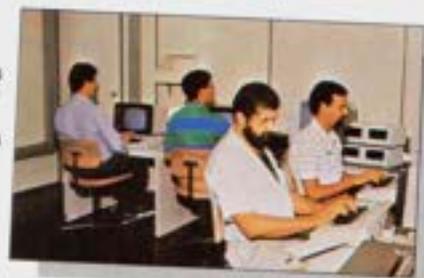
Seu parque gráfico, em constante processo de modernização, está equipado com:

- sistema modular MCS-8400, de fotocomposição
- microcomputadores, softwares Página Certa e PageMaker, impressora a laser (que permitem o recebimento de textos em disquetes, gerados no editor de textos Carta Certa, para efetuar a diagramação eletrônica, troca simultânea de corpos e fontes de letras com alta qualidade de impressão)
- impressoras offset (a traço, chapado e policromia), para serviços de grandes tiragens, e tipográficas
- encadernadora, guilhotina e grampeadora
- impressora, dobradeira e alceadeira de formulários contínuos, em até 4 vias, carbonados ou autocopiativos.

Estamos prontos para atender à demanda de serviços gráficos, também, em escala industrial, das Organizações Militares, de outras entidades públicas e de empresas.

A IMPRESA NAVAL faz um convite a você:

"Venha conhecer-nos e certificar-se de que atenderemos suas necessidades em artes gráficas a preços e prazos competitivos."



IMPRESA NAVAL

Rodovia Washington Luiz, Km 124 Tels: 391-7720, 771-8416 e 771-5499
Duque de Caxias - Rio de Janeiro FAX: (021) 771-8190



Adaptadores alunos de 1989

ADAPTAÇÃO

"Felicidade é patrimônio dos que limpam o sangue dos olhos para continuar vendo o horizonte que os atrai".

A adaptação não é um período fácil, muito pelo contrário, é árduo e repleto de dificuldades. Ela tem por função promover um corte no cotidiano do jovem atual, cheio de liberdade, levando-o a uma profunda análise do binômio: "LIBERDADE — RESPONSABILIDADE".

A escolha de um ideal é muito importante. Mas devemos escolher alto. Um ideal que mereça ser amado e pelo qual venhamos a nos realizar.

No período de adaptação, não são os primeiranistas aprendem, mas todos que, de uma forma ou de outra, se entregam por inteiro para que eles façam uma decisão consciente e para que possam envergar a farda branca, sabendo honrá-la.

Parabéns a todos os Oficiais-Alunos e monitores que, abdicando de horas de lazer em suas residências, contribuíram para que os Novos Alunos pudessem, com garra e garbo, representar perante a glorirosa Marinha.

AL. OLINTO

ABERTURA DO ANO LETIVO

Manhã do dia 27 de fevereiro. O Corpo de Alunos regressa das férias, do descanso merecido, depois de um ano de trabalhos exaustivos em que se alternaram estudo, esporte e inúmeras outras atividades pertinentes à educação e formação de futuros oficiais.

À tarde, a Aula Inaugural proferida pelo Alte. JOÃO BAPTISTA PAOLIELLO, Comandante do 1º Distrito Naval. Do alto de sua experiência, ele nos fala de sua vida na Marinha; lembranças, as maiores alegrias, as observações e conclusões, encerrando lições inestimáveis. Por fim, as palavras que nos alertam para a importância e grandeza da nossa missão e para a imensa responsabilidade assumida com a opção pela Carreira Naval.

Regresso das férias e cerimônia Inaugural do Ano Letivo. Eventos que se repetem ano após ano, nestes trinta e oito anos de Colégio Naval, sem perder a força da novidade, sem deixar de produzir na cabeça e no coração de 600 jovens o mesmo impacto renovado, a mesma energia estimulante.

Na Marinha do Brasil, como nas demais armas, bem como em todas as áreas de atividades humanas, a experiência passada de geração a geração é a matéria-prima que forma e sedimenta os caminhos que levam à conquista de objetivos e à realização pessoal.

Sempre foi assim. Nos anos que se foram e nos anos que hão de vir.

AL. MARCOS CESAR



Cerimônia de abertura do ano letivo

PASSAGEM DE COMANDO

Em cerimônia simples, mas de grande emoção, presidida pelo Exmo. Sr. Almirante-de-Esquadra JOÃO BAPTISTA PAOLIELLO, o Contra-Almirante MÁRIO AUGUSTO DE CAMARGO OZÓRIO passou o comando do Colégio Naval ao Capitão-de-Mar-e-Guerra ODLON LUIZ WOLLSTEIN.

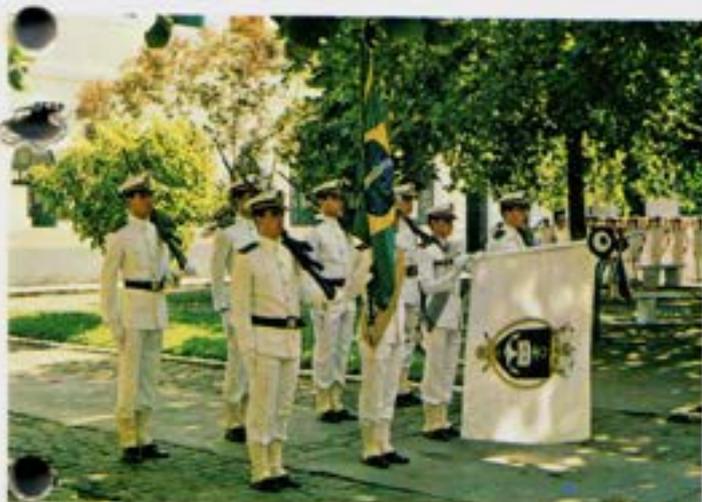
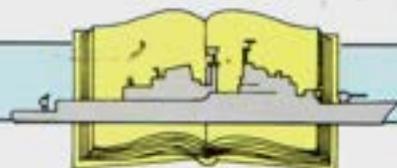
Nos seus três anos de comando, o Alte. OZÓRIO demonstrou-se um líder por mérito, um administrador exemplar e, acima de tudo, um amigo constante, tendo participado efetivamente do processo de formação dos jovens Aspirantes que aqui estiveram neste período.

Resta-nos desejar "bons ventos" ao Alte. OZÓRIO na sua nova função e, ao Comandante WOLLSTEIN, que tenha uma comissão tranquila e que Deus o ajude a acertar e ser justo em suas decisões, conforme enfatizou em discurso de posse.

AL. OLINTO



O Novo Comandante do Colégio Naval proferindo a leitura de sua ordem de serviço.



Incorporação da Bandeira Nacional

11 DE JUNHO

Neste dia, recordamos com grande emoção a Batalha Naval do Riachuelo, episódio decisivo de nossa história, onde pudemos constatar a bravura de nossos antepassados na Marinha, pessoas que sacrificaram suas vidas para defender a soberania de nossa Pátria.

Deles, ficou o grande exemplo de amor ao Brasil imortalizado nos heróis dessa sangrenta batalha, como o Almirante Barroso que, momentos antes do combate, dizia: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever", como também o imperial marinha Marcílio Dias e o Guarda-Marinha Greenhalg que morreram heroicamente pela honra de nossa gente.

Nosso comandante, por ocasião do 123º aniversário de Riachuelo, salientou-nos a importância deste dia para a Marinha e para o Brasil, lembrando-nos também que, nesta data, os Aspirantes do primeiro ano da Escola Naval recebem o seu espadim, próxima meta a ser alcançada por todos nós da Turma Almirante Paulo Moreira.

AL. FELIPE

38º ANIVERSÁRIO DO CN

Este ano, os eventos comemorativos do aniversário do CN começaram mais cedo. Durante a semana que antecedeu o mesmo, tivemos vários exercícios de Ordem Unida que foram, como vários outros atrativos, acompanhados pela equipe de filmagens da TVE que produziu um comercial, o qual foi transmitido em todas as emissoras de televisão com o intuito de conchamar novos candidatos ao concurso.

Tivemos uma cerimônia militar e fomos premiados com a presença do Exmo. Sr. Ministro da Marinha e outras personalidades de destaque no meio militar e civil, tais como o Presidente da F.I.F.A., Sr. João Havelange. Durante a cerimônia militar, tivemos a demonstração da equipe de Vela do Colégio Naval, que abrilhantou ainda mais o evento.

No final de semana, recebemos a delegação da Escola Naval para, através das competições, proporcionar uma confraternização entre Alunos e Aspirantes.

Dando um toque especial à festa, realizamos as rústicas terrestres e aquáticas, a tradicional Regata do CN, e uma gincana de pintura, na qual os diversos concorrentes procuraram ressaltar as belezas de nossos recantos.

PARABÊNS, COLÉGIO NAVAL!

AL. OZÓRIO e AL. GUIMARÃES



O Exmo. Sr. Ministro da Marinha passando em revista o corpo de alunos

7 DE SETEMBRO

É dia 7 de setembro. O sol brilha forte, exprimindo toda a gala desta data que merece o maior destaque no Calendário Cívico Nacional.

A pátria comemora 167 anos de independência e o Colégio Naval mais uma vez representa a Marinha em desfile na cidade de Angra dos Reis. Participaram também ex-Combatentes da FEB, o Corpo de Bombeiros e Colégios locais.

Chegamos à cidade e fomos contagiados pela alegria que fluía entre os presentes.

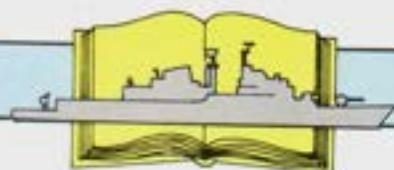
A cerimônia foi presidida pelo Exmo. Sr. Prefeito de Angra dos Reis e contou com a presença de várias autoridades civis e militares. Ao som da banda, o Colégio Naval desfilou no centro da cidade, sendo ovacionado pelo enorme público que prestigiava o evento.

O Colégio Naval, mais uma vez, realizou uma impecável apresentação e ao brado tradicional de "BRASIL MARINHA" externou tudo que sentia neste memorável 7 de SETEMBRO.

AL. AMENDOEIRA e AL. LUÍS SOUZA



O desfile do batalhão escolar em Angra dos Reis



Despedida do CF Varandas do CN

PASSAGEM DA IMEDIATICE

Em outubro de 1989, tivemos a transmissão da função Imediato do Colégio Naval, do CF ABÍLIO SÉRGIO VARANDAS para o CF ANTÔNIO SILVA ANDRÉ DA COSTA que, assumindo interinamente o cargo, acumulou-o ao de Comandante do Corpo de Alunos, o qual já exercia.

O CF VARANDAS demonstrou, ao longo do tempo, uma grande visão administrativa, sendo um Chefe exigente, dedicado e, acima de tudo, compreensivo e justo para com seus subordinados que lhe deram a credibilidade necessária para que seu trabalho desse bons resultados. Todas essas virtudes repercutiram tão positivamente que o escolheram para uma comissão a bordo do NE "BRASIL", no ano de 1990. Ficam aqui os nossos votos de felicidades ao Comandante VARANDAS.

AI. GUILMARÊS

DIA DA BANDEIRA

19 de novembro de 1989, data inesquecível para nós, cidadãos brasileiros. Neste dia, comemoramos, em cerimônia militar, a existência de um dos mais significativos símbolos da nossa Pátria.

Nesta data, incineraram-se os pavilhões antigos e erguem-se os novos. É o Brasil que figura soberano no mastro. Em todo território nacional, a cerimônia se repete, traduzindo um mesmo sentimento: o Amor à Pátria.

Salva, Pátria minha, que és amada e venerada.

O teu símbolo será eterno em nossos corações e o hino, cantado em uma única voz, ecoará em todos os rincões deste País.

AI. OLINTO



Cerimônia do Dia da Bandeira

PELOTÃO TAMANDARÉ

Mensalmente, é escolhido, dentre os quinze Pelotões do Batalhão Escolar, aquele que mais se destacou na apresentação pessoal, atitudes militares e nos desfiles. Concede-se a esse Pelotão o título de TAMANDARÉ e seus integrantes são condecorados com a barreta EFICIÊNCIA.

A cada brado, a cada inspeção e a cada desfile, um só objetivo: ser o melhor.

E foi com esse pensamento, muito empenho, garra e intensa vibração, que alguns Pelotões revezaram-se na conquista de tão almejado título.

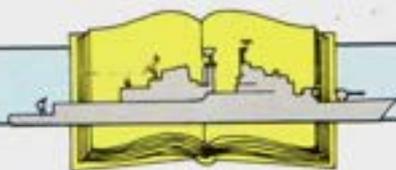
Cumpre-nos, agora, recordar o esforço e parabenizar a vitória dos seguintes Pelotões:

- 1º Pelotão da 2ª Companhia.
- 3º Pelotão da 4ª Companhia — Título conquistado por duas (2) vezes.
- 1º Pelotão da 5ª Companhia.
- 2º Pelotão da 2ª Companhia — Título conquistado por duas (2) vezes.
- 2º Pelotão da 5ª Companhia.

AI. FELIPE



O 3º pelotão da 4ª CIA recebendo "Barreta Eficiência"



PASSAGEM DA CANA-DO-LEME

O dia dezessete de novembro de mil novecentos e oitenta e oito ficou para sempre em nossas memórias: era a passagem da Cana-do-Leme, tradicional cerimônia militar que representa a assunção de comando da nova Turma, a mais antiga. O aluno Faulhaber, Chefe-de-Classe da Turma 87, recebeu, do então Comandante-Aluno Veltri, a Cana-do-Leme, símbolo marinho do poder.

Um ano depois, após vencermos a ansiedade e o medo do desconhecido, características tão constantes no espírito dos jovens marinheiros, em cerimônia presidida pelo Sr. Comandante, o Comandante-Aluno Neif passou o Comando desta Nau ao Aluno Favero, Chefe-de-Classe da Turma 88.

Ao Aluno Favero desejamos todo o sucesso.

AI. OLINTO e AI. FAULHABER

PRÊMIOS ESCOLARES

Na cerimônia de Encerramento do Ano Letivo, foi feita a entrega dos prêmios escolares do ano de 1989. Fizemos jus aos mesmos os seguintes Alunos:

- Aluno 3001 — NEIF SIMÃO PELLINI
— Prêmio "Machado de Assis"
- Aluno 3004 — LUÍS FERNANDO DE LIMA ALDY
— Prêmio "Descartes"
— Prêmio "Dalton"
- Aluno 3009 — FRANCISCO ANDRÉ BARROS CONDE
— Prêmio "Almirante Saldanha"
— Prêmio "Esquadra"
— Prêmio "C.F.N."
— Prêmio "1º Distrito Naval"
- Aluno 3011 — MARCELLO DE LIMA SANTIAGO FAULHABER CAMPOS
— Prêmio "Colégio Naval"
— Prêmio "Barão do Rio Branco"
— Prêmio "Honra ao Mérito Escolar"
— Prêmio "Octávio Antônio Garnier"
— Prêmio "Historiador Honório Lima"
- Aluno 3025 — ANDRÉ SÁ DE MATTOS
— Prêmio "Ruy Barbosa"
- Aluno 3029 — EMERSON PIERONI
— Prêmio "Olimpico"



AI. OLINTO

Alunos agraciados com os prêmios escolares



Visão geral da formatura de encerramento do ano letivo

ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO

O Calendário marcava 09 de dezembro de 1989. Um dia muito esperado por todos nós da Turma Alte. PAULO MOREIRA. Enfim, dávamos os últimos passos em direção à meta maior: A ESCOLA NAVAL.

Um sentimento de saudade e medo pelo desconhecido que nos aguarda confundiu-se em nossos corações com a alegria da vitória conjunta.

Em cerimônia presidida pelo Exmo. Sr. V. Alte. Fernando Luiz Pinto da Luz Furtado de Mendonça, encerrou-se o Ano Letivo de 1989. Nesta ocasião, fez-se a entrega de prêmios escolares.

AI. OLINTO

AULA INAUGURAL — 1989 —

AE JOÃO BAPTISTA PAOLIELLO

ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL

Primeiramente quero apresentar as boas-vindas aos novos companheiros primeiranistas, recém chegados ao Colégio Naval. A vocês, principalmente, é dirigida esta aula inaugural.

Aqui me encontro para tecer algumas idéias sobre a vida naval pela qual vocês voluntariamente optaram.

Usarei a leitura para não me estender demasiadamente sobre o assunto e não omitir nenhum dos detalhes que avaleiei como relevantes.

Considero da maior importância a oportunidade de transmitir a experiência dos mais antigos para as gerações que irão nos suceder, pois uma das conseqüências de se chegar a um alto posto ou cargo de uma instituição é a restrição deste tipo de contato direto, pessoal, principalmente com os mais jovens.

Creiam, portanto, que, ao aceitar o convite do Comandante do Colégio Naval, para proferir a aula inaugural deste ano, o fiz com imensa satisfação e com a alegria de saber que retornaria, mesmo que brevemente, ao convívio sadio e feliz que se pratica em um estabelecimento como este.

Acho notável a semelhança, a familiaridade mesmo que constato, em cada um dos senhores, com a minha própria turma, há cerca de quarenta anos.

Em março de 1949, cruzávamos pela 1ª vez os portões de Villegagnon e com incontida alegria vencíamos o primeiro dos grandes desafios que nos eram apresentados: A "Entrada para a Marinha". Tenho certeza de que os mesmos sentimentos hoje encham de justificável orgulho todos os que iniciam os seus estudos no primeiro ano do Colégio Naval. Também, a cada ano que passa, os veteranos do 2º e 3º aqui presentes bem visualizam que, fruto do esforço desenvolvido por cada um, é vencida uma etapa de estudos e mais próximo ficam da entrada para a Escola Naval. Hoje os senhores entram mais jovens para o Colégio Naval. Hoje em virtude da necessidade de guarnecer e operar uma Marinha mais moderna é mais primorosa a formação e demanda uma carga maior de ensinamento por conhecer, entender e acumular.



É justamente por isso que resolvi não proferir Palestra, no seu sentido formal, e sim conversar, conversar sobre as razões que pudessem traduzir o sentido e a razão da escolha da Carreira Naval.

Pessoalmente acredito que a palavra vocação tenha muita importância na escolha de uma carreira, mas, ao mesmo tempo, faço alguma restrição ao seu significado pleno, posto que a opção profissional normalmente ocorre em épocas tenras de nossas vidas, quando é grande o desconhecimento real sobre o exercício da atividade, prevalecendo normalmente o brilho e a glória indução diante do Status Social que ela possua.

Julgo adequado iniciar desta forma para, com propriedade, poder falar a todos vocês, que estão no estágio inicial de carreira e que um dia se tornarão verdadeiros Marinheiros.

Por certo, a totalidade dos Senhores não possui todas as suas dúvidas respondidas, — Nem os veteranos do último ano — Há ainda muitas apreensões e muitas incertezas, para as quais freqüentemente não existirá resposta tão cedo.

Este Almirante que lhes fala, com os seus 1.200 dias de mar, tem ainda o mesmo entusiasmo de quando há anos como os Senhores agora, escolheu ser Marinheiro. Esta vibração, permanentemente mantida, é condição indispensável para os que vivem no mar. Só com ela se superam os percalços inerentes da profissão: Só com ela é possível desempenhar tarefas impostas, boas ou más, rotineiras ou inusitadas, difíceis ou fáceis, significativas ou não.

Eis, portanto, um dos sentimentos que deve estar sempre presente em cada um dos Senhores: A vibra-

ção pela Marinha. Com ele, tudo se tornará mais fácil e melhor de ser feito.

Digo-lhes, com sinceridade, que vibrei em 1953 quando embarquei no Cruzador Tamandaré e como jovem Oficial pude participar e contribuir, com uma modesta parcela, para o desempenho sempre eficiente daquele navio em suas manobras marinheiras, nos seus precisos exercícios de tiro. Vibrei quando recebi nos Estados Unidos o Contratorpedeiro Paraíba e com afinco trabalhei para que no meu setor — O Armamento — O navio tivesse sempre um desempenho correto entre os seus pares. Vibrei quando, no Estado-Maior da Esquadra e na Chefia do Estado-Maior da Força de Contratorpedeiros, pude assessorar corretamente meus Chefes e transferir grande parte dos conhecimentos práticos que a bordo adquiri aos Oficiais das Unidades subordinadas. Vibrei quando exerci o Comando do Contratorpedeiro PARÁ com as manobras bem executadas, com os diversos exercícios e principalmente com a lealdade e a dedicação dos Oficiais que comigo trabalharam. Vibrei quando, nos últimos cinco anos de Capitão-de-Mar-e-Guerra, comandei a nossa Fragata NITERÓI, recebendo-a nos Estaleiros da "Vosper Thornicroft" e dando-lhe vida. Permitiu-me a Marinha a grande felicidade de aplicar nesta fase tudo o que, durante cerca de vinte anos de embarque, me foi possível aprender. Realizei-me profissionalmente numa vida que foi um contínuo aprendizado no mar. Como Almirante vibrei nas diversas comissões que exerci — No Comando de Operações Navais — No Comando da Força de Fragatas — No Comando do 5º Distrito Naval e, no presente momento, no Comando do 1º Distrito Naval. Confesso-lhes que não sinto diferença entre a vibração de hoje e a vibração do Aspirante. Fui e sou feliz na carreira que escolhi. Se hoje me fosse possível voltar à mocidade, voltar à idade dos Senhores, não hesitaria em novamente abraçar a Carreira Naval.

Todos que aqui estão já têm conhecimento, em maior ou menor intensidade, de que um dos pilares de qualquer instituição é a disciplina, sendo esta mais necessária ainda no âmbito de uma Organização Militar.

E é sobre ela que gostaria agora de me desenvolver. Verão os novos Alunos, primeiranistas principalmente, bem como os demais, que, ao contrário do que possa parecer, a disciplina não é uma carga, não é um ônus permanente, cujo papel é tolher ou inibir. Ao contrário, ela é um elemento regulador entre todas as relações, que permite um convívio coerente entre todos os que integram a nossa estrutura.

Verão, também, que ela é progressiva, passando de uma fase formal, mais rígida, no início de nossa formação, para uma outra, funcional ou de cooperação, àquela

a que se adere voluntariamente, por se perceberem as razões de sua existência e de sua legitimidade. Temos bem próximos de nós exemplos típicos que ilustram essa evolução, no relacionamento de cada um na sociedade e no ambiente familiar.

É relevante ressaltar que, na nossa Instituição, o princípio da hierarquia acompanha a disciplina de modo indissolúvel. A sua existência é intrínseca à Organização Militar desde a mais remota antiguidade. O binômio hierarquia e disciplina citado na nova Constituição Brasileira vem se repetindo no tempo e nos dispositivos constitucionais de várias Nações.

Muito cedo entendi estes dois preceitos que ora descrevo aos Senhores, compreendendo também o quanto tinha acertado na escolha de minha carreira. Observava nos Oficiais daquela época a satisfação de relacionamento e o nível de integração que os unia, indiferentemente de serem desta ou daquela Unidade, de serem de turmas diferentes, antigos ou modernos, sempre presente havia aquela coesão maior, que aglutinava a todos da Família Naval.

Tal efeito também se percebe nas nossas Praças, que da mesma forma praticam esta disciplina e a cultivam. É na realidade como se fora um entendimento mútuo, que busca o mesmo objetivo, — O cumprimento da missão imposta.

Estas, Senhores, são as minhas palavras, ditas com um pouco mais de formalismo do que gostaria, mas que tentam transmitir os meus sentimentos sobre a Carreira Naval. Hoje o mundo e os valores estão bem diferentes. A natural evolução e o progresso tecnológico, no entanto, não tornaram obsoleta a idéia que pretendi levar-lhes. Cultivem portanto a disciplina e o entusiasmo em todos os seus desdobramentos e terão, certamente, no decorrer de suas vidas Marinheiras, retornos gratificantes e muita satisfação pessoal.

Torna-se, portanto, profundamente, indispensável que acreditemos na beleza de nossa profissão; ela que se alicerça, acima de tudo, na grande responsabilidade de que estamos investidos perante a própria sociedade brasileira, naquilo que nos é exigido, e não nas benesses que dela possamos usufruir, particularmente quando temos capacidade para agir dentro desse espírito conscientemente. O futuro dos Senhores será o Oficialato e, para bem desempenhar a sua nobilitante função, precisarão ter não só uma cultura geral suficiente ao lado de uma formação Técnico-Profissional segura, mas também uma formação cívica e moral sólida, sempre aliada a uma extrema convicção profissional.

Sejam tão felizes em suas carreiras como eu o sou na minha — São os meus sinceros votos.

COLÉGIO NAVAL



O prédio principal fazendo a história do CN nos anos de 1955 e 1959, respectivamente

HISTÓRICO

Neste ano de 1989, comemoramos o trigésimo oitavo aniversário do nosso Colégio. Contudo, a idéia da criação de um Colégio Naval, ou seja, um estabelecimento de ensino onde os jovens que se propusessem a vida no mar, na Marinha de Guerra ou na Mercante, recebessem instrução elementar e educação física e moral, já data de 1853, quando o Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, então ministro da Marinha, incluiu no seu relatório a proposta de criação de preparatórios navais.

Em 1858, a Academia da Marinha passava a chamar-se Escola de Marinha e seu novo regulamento incluía a criação de escolas preparatórias ou colégios navais. Essa reforma exigiu dos alunos da Escola um duplicado esforço dado o aumento das lições teóricas e das instruções práticas. O curso começava a ficar muito difícil para os jovens que vinham da corte. Até mesmo o concurso de admissão era um sério problema, visto que, em 1869, apresentaram-se duzentos e vinte jovens, tendo sido vinte e cinco apenas o número de aprovados.

A necessidade de um curso preparatório para a Escola era urgente. Em 1871, foi instalado o Externato da Marinha com a finalidade de preparar candidatos à matrícula no primeiro ano da Escola de Marinha. Os jovens deviam ter entre 12 e 15 anos e prestar provas de gramática, aritmética, francês e inglês. O diretor era o mesmo da Escola.

O externato durou até 1876, pois ficou evidente que só com uma educação militar aos jovens que aspiravam a carreira de oficial de Marinha seria válida a instituição. Foi assim autorizada a criação do colégio pela lei 2670 de 28 de outubro de 1875. A 28 de dezembro do ano seguinte, o governo promulgava o Regulamento anexo ao decreto nº 6440, que criava o Colégio Naval. Ele ocupou o mesmo prédio da atual Diretoria de Ensino.

Inaugurado em fevereiro de 1877, seus discentes eram chamados de alunos navais, aos quais se dava praça, soldo e uniforme como aos aspirantes. Várias reformas foram feitas como a redução do tempo de curso de 3 para 2 anos e posteriormente retornando para 3 anos. Em 26 de junho de 1886, pelo decreto nº 9611, o Colégio Naval foi extinto e agregado à Escola de Marinha, a qual, nessa oportunidade, passou a ser denominada Escola Naval.

O prédio que serve para o atual CN teria a sua construção iniciada em 1911, na Enseada da Tapera, na baía de Angra, pelo Vice-Almirante Joaquim Marques Baptista de Leão, com o objetivo de nele fazer funcionar uma escola para grumetes. A enseada foi logo batizada com o nome do Comandante do Minas Gerais, Batista das Neves.

Os trabalhos de construção demoraram até o fim do governo Hermes da Fonseca, cujo ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, resolveu aproveitar o prédio para sede da Escola Naval que nele se instalou a 1ª de junho de 1914 e permaneceu até 1920.

Em 1920 era a Escola recambiada para a ilha das Enseadas, ficando o prédio para a Escola de Grumetes, que funcionava nessa mesma ilha. O acatamento para a Escola de problemas com o Corpo Docente, face à grande distância da capital e às dificuldades de comunicações, foram as principais razões dessa mudança.

A Escola de Grumetes, batizada Almirante Batista das Neves, lá esteve até 1950, quando foi extinta, passando os grumetes para Santa Catarina.

Durante esses 30 anos, vários melhoramentos foram feitos. Em 1925, fez o hospital; em 27, a parte do Comandante e a parte principal dos escadotes; em 1930 foi reconstruída a praça D'armas dos oficiais e nesse mesmo ano foi aberta a pista de atletismo. Entre 1939 e 1942, foi construído o ginásio buquerque, hoje o auditório. Somente em 1949 é que o Pátio Interno foi instalado e ajardinado. As ligações com Angra eram feitas pelo mar, existindo, porém, alguns caminhos pelo morro que cercava a enseada, já na época apelidados de "aéreos"...

Como se pode notar, o prédio que hoje aloja o Colégio Naval existia bem antes da fundação do mesmo.

O desaparecimento do Colégio Naval no Império não permitiu que sua idéia fosse apagada por completo. O Presidente Vargas preocupou-se com a Escola Naval dotando-a de importantes instalações na Ilha de Villegagnon, em 1930 de Janeiro. Ao mesmo tempo, amadurecia a idéia da criação de um externato de nível médio onde os futuros aspirantes moldariam desde cedo seu caráter.

O artigo 59 do novo regulamento da Escola Naval, aprovado pelo decreto nº 26403 de 25 de janeiro de 1949, permitiu a criação do Colégio Naval. O Presidente era o General Dutra e o ministro da Marinha o Almirante Sylvestre de Noronha.

Como na época do Império, os alunos seriam praças, receberiam soldo e uniforme. Entretanto, a amplitude das obras que se faziam necessárias não permitiu que o Colégio fosse instalado no prédio de Angra dos Reis na época prevista. As aulas foram iniciadas em 16 de abril de 1952 em regime de externato, na própria Escola Naval, durante a tarde, para os três anos de que era constituído o Colégio, já que os exames admissionais foram para cada um deles. Seu primeiro Comandante foi o CMG Alberto Jorge Carvalhal.

Em 1953, o curso foi condensado para dois anos e, assim, todo o corpo de alunos já podia estar instalado no prédio de Angra. Iniciava-se a era moderna do nosso Colégio Naval. Nesse instante, as tradições e rotinas que nós alunos de hoje seguimos diariamente a bordo dessa gloriosa nave começaram a ser moldadas.

No mesmo ano de 1953, surgem as atividades desportivas do Corpo de Alunos. Logo as competições com outros estabelecimentos, como o CMRJ, aparecem. Também neste ano de 53 surgem o Troféu Eficiência e o Torneio Interno. O mascote dos alunos era o pato Gingilim seguindo-se o modelo da dinastia dos Brekelés da Escola Naval. Em pouco tempo surge o grêmio dos alunos que já naquela época promovia atividades como o Baile do Calouro e o aniversário do Colégio. Do nome do pato veio o nome do nosso "jornalzinho" interno.

Em 1954, o Colégio ganhou escudo de armas, estandarte e selo. Era o famoso CLASSIS SPES, a "Esperança da Armada". Ainda em 1954 surge a nossa revista "A FRAGATA", verdadeiro resumo das turmas que passavam o exemplo para as vindouras.

O tempo passava, o Colégio se desenvolvia e o seu nome se projetava. Em 1965, nascia a NAE, a grande disputa entre as armas. Tornava-se primordial a construção de uma piscina, que teve suas obras iniciadas em 1968, sendo completada em 1969. A partir de 1973 firmou-se a rotina que ora está em vo-

ga, com algumas diferenças como o horário das aulas, do estudo obrigatório e a mais fundamental alteração: a duração do curso que passou para três anos em 1976.

Em 1984, era inaugurado o novo prédio de alojamentos, com instalações modernas e bem mais confortáveis. Nele o Departamento de Alunos, a biblioteca e a barbearia também funcionariam.

Nessa história, somente para quem conviveu intimamente com essa casa de disciplina e ordem, mas acima de tudo, de juventude e camaradagem, é que se pode entender a lágrima que escorre no canto do olho ao se recordar do 1º dia em que nos apresentamos. Se recordar, saudoso, da enturmação com os novos companheiros, das algazarras e "hidráulicas" nos alojamentos, das brincadeiras no pátio interno, das "arvores" em sala de aula, do serviço solitário da madrugada (que fazia a cabeça viajar), de cada turma que ia embora, das amizades se consolidando e a emoção de, a cada dia, o espelho ser testemunha da transformação do menino em homem que, ao final de três anos, está pronto para enfrentar o seu destino, quer seja a Escola Naval ou outros portos.

"COLÉGIO NAVAL: FUNÇÃO E ROTINA"

O CN tem como função básica preparar e estimular os seus alunos para o ingresso na Escola Naval. Tendo em vista ser este o seu objetivo primordial, todas as atividades por que passa o Corpo de Alunos — ensino básico escolar, educação física e adestramento militar-naval — devem, portanto, possuir essa finalidade. Para isso é necessário que em todas as atividades estejam presentes as normas de hierarquia e disciplina, que constituem o alicerce de todo regime militar; bem como as condições necessárias para despertar o gosto pela vida no mar.

O curso, de três anos, equivale ao ensino básico de segundo grau, acrescido de matérias complementares como instrução militar-naval. Considerando o seu alto nível de qualidade, pode-se afirmar, sem nenhum favor, que o CN figura com destaque entre as melhores instituições de ensino no Brasil, o que certamente explica o apurado índice de preparação de seus alunos.

O condicionamento físico também é um dos pontos altos do perfil do aluno do CN. Sendo adotada uma rotina diária de treinamentos que envolvem longas corridas pelas praias de Angra dos Reis, exercícios físicos diversos e aulas de natação, ele deve estar apto, ao fim de cada período a passar nos testes de verificação. Destaca-se aqui o valor dos esportes na formação dos futuros Aspirantes e o estímulo dado para que todos que desejarem ingressar em nossas equipes (futebol, natação, judô, basquete e outras). Nada



Vista da frente do Colégio Naval

mais proveitoso, visto que é na prática dos esportes que se desenvolvem as mais sólidas amizades e é durante as competições e os treinos que vai surgindo o tão valioso "espírito de equipe".

Completando o currículo preparativo, o CN possui todo um programa de adestramento em atividades marinheiras, que se constituem das próprias aulas teóricas de navegação, das saídas em nossos Avisos de Instrução (embarcações destinadas para este fim) e dos cobiceados GTs (Grupos-Tarefa). Este último que representam a oportunidade de um bellissimo passeio pelas águas da baía de Angra, onde os alunos põem em prática os ensinamentos teóricos de navegação e convivem, por alguns dias, com aquilo que, mais tarde, será uma constante em sua vida profissional: O mar.

Bibliografia:
"História do Colégio Naval"
Notas para servir a uma história do Colégio Naval — Prof.º Guilherme de Andréa Frota.



PETROBRÁS
PETRÓLEO BRASILEIRO S.A.

TERMINAL MARÍTIMO DA BAÍA DA ILHA GRANDE

TEBIG



"NO MAR E NA TERRA TRABALHANDO PELO PROGRESSO DE ANGRA"
PARABÉNS AOS FORMANDOS DE 1988

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

ENSINO MILITAR-NAVAL



"Tripulação do aviso U-31"



"Tripulação do aviso U-32"



"Tripulação do aviso U-33"

AVISOS DE INSTRUÇÃO

- Homem ao mar por borestel
- Todo leme a borestel
- Timoneiro, seis apitos curtos!
- Lçar a oscar por borestel!

Estes são alguns dos gritos que ecoam na enseada Almirante Batista das Neves durante as Saídas-Tipo, onde o aluno aprende a manobrar com a embarcação até que passe a fazer parte dela e onde a perfeita harmonia de todos (Oficiais, Alunos e Guarnição nos mais diversos serviços a bordo) dá aos Avisos de Instrução uma suma importância. O aprendizado de manobras como: Homem ao mar, Fainas de Fundear e Suspende, Passagem de carga leve, etc., nas quais o Aluno e a embarcação são os protagonistas de uma aventura que, diariamente praticada e re praticada, culminará na formação de futuros excelentes homens do mar.

Especialmente em 1989, nossa turma dedicou com empenho aos Grupos-Tarefa nos quais a diversão e profissão têm seus momentos próprios e suas horas certas.

As visitas a navios da Esquadra e a navios estrangeiros que freqüentemente fundeiam na Baía de Angra dos Reis estimulam ainda mais as Saídas-Tipo e, a longo prazo, a escolha do Corpo, efetuada na Escola Naval.

Por isso é que nossa turma se orgulha e se envaidece de ter desfrutado dos Avisos de Instrução, explorando-os ao máximo.

Em 1989, os Avisos contaram com os seguintes Oficiais e Monitores-Alunos:

U-31 — CT ROBERTO MENEZES, substituído pelo CT ALVES DE ALMEIDA e, posteriormente, pelo CT HAMILTON. Monitores-Alunos: LUÍS SOUZA, ALDO, ALVIM, MARCELO GONÇALVES e SEVERO.

U-32 — CT NEY SIMÕES. Monitores-Alunos: BARROS, HONORATO, MARCELO SILVA, BARBEDO, PATRÍCIO e TRÍPOLI.

U-33 — CT MAURÍCIO. Monitores-Alunos: S. VELLOSO, DA COSTA, WAGNER, HERBERT e GILBERTO.

OS MESTRES

A arte de ensinar é um sacerdócio. Somente aquele que possui vocação consegue executá-la.
Parabéns a você, mestre, amigo, gente... Saudades eternas.

José Antônio, José Artur, Zamboti, Gilberto, Galloway, Potiguara, Maria Aparecida, Francisco e Hugo



Suzette, Friedrich, Aida, Paulo Roberto, Eduardo, Henrique, Frederico, Abel, Galloway, Molica, Élcio, Tullianelli, Romeu, Celso, Salsa, Novaes, Manoel

VISITAS



Aspecto do interior do Navio Oceanográfico "Álvaro Alberto"



Vieta da formatura da força de CTs a bordo do CT Sergipe



CT Maranhão fundeado na baía de Ilha Grande



NOc "Álvaro Alberto" fundeado nas proximidades do CN

São realizadas, anualmente, pelo Corpo de Alunos, várias visitas a navios, batalhões, centros de pesquisa e outras organizações militares, com a finalidade de mostrar aos futuros oficiais a grande potencialidade de nossa Marinha, incentivando-os para a carreira naval.

Este ano, fomos privilegiados quanto ao número de visitas que pudemos realizar. A primeira delas foi ao navio oceanográfico **ÁLVARO ALBERTO** que fundeou nas proximidades de nossa enseada e proporcionou-nos uma agradável visita onde pudemos observar um moderno sistema de computadores que facilita muito a vida a bordo do navio.

Fomos contemplados também com a vinda ao nosso colégio das fragatas **NITERÓI** e **CONSTITUIÇÃO**. A visita a esses dois importantes navios operativos de nossa **ESQUADRA** empolgou-nos muito e trouxe-nos a certeza de uma Marinha muito eficiente.

Outra importante visita foi a realizada ao Batalhão **HUMAITÁ**, onde tivemos contato com a vibração e o espírito de corpo dos Fuzileiros Navais além de participarmos de uma série de atividades físicas que serviram como uma pequena experiência daquilo que é Corpo de Fuzileiros Navais.

Ao mesmo tempo que se realizava a **XXV NAE**, os alunos que não foram convocados para as equipes esportivas tiveram a oportunidade de realizar valiosas visitas que, com certeza, serão de fundamental importância para nossa formação inicial na Marinha. Dentre as visitas, destacamos: **FORÇA DE SUBMARINOS**, **FORÇA DE APOIO LOGÍSTICO**, **CENTRO DE ADESTRAMENTO ALMIRANTE MARQUES DE LEÃO**, **FORÇA DE FUZILEIROS DA ESQUADRA**, **INSTITUTO DE PESQUISA DA MARINHA** e **ARSENAL DE MARINHA RIO DE JANEIRO**.

Recebemos, também, num ensolarado final de semana, a visita, em nosso colégio, dos submarinos **GOIÁS** e **AMAZONAS**, onde mais uma vez pudemos sentir a importância da guerra submarina nas estratégias navais e aprendemos muito sobre o mecanismo de funcionamento de nossos submarinos.

Seguindo o nosso roteiro de visitas, um grupo de 75 alunos pôde embarcar na **FORÇA DE CONTRATORPEDEIROS** que se encontrava nas proximidades da Ilha Grande, sob o comando do Contra-Almirante Coimbra, perto do nosso colégio. Além de visitarmos os navios, pudemos participar de algumas manobras dos CTs e sentir todo o entusiasmo presente em nossa Marinha de Guerra.

Finalizando as visitas do ano de 1989, conhecemos a Usina Nuclear de Angra-I na praia de Itaorna, aqui mesmo em Angra dos Reis. Com satisfação pudemos encontrar na usina um exemplo de organização e segurança, além de uma avançada tecnologia para a obtenção de energia.

Após todas essas visitas, restou-nos um rico aprendizado e a certeza do ideal de continuar na carreira naval.

PALESTRAS

Todo ano o Colégio Naval organiza palestras para seu corpo de alunos, visando esclarecer possíveis dúvidas dos futuros oficiais da Marinha brasileira que, nesta instituição, iniciam suas carreiras.

o ano de 1989 iniciou-se com 4 palestras dos comandantes das principais forças operativas de nossa Marinha: SUBMARINOS, AERONAVAL, FRAGATAS e FORÇA DE FUZILEIROS DA ESQUADRA. Tais almirantes passaram-nos sua dedicação e vibração a nossa Marinha, mostrando-nos as perspectivas e opções de cada área, possibilitando ao corpo discente a ciência do real Poder Naval da Marinha do Brasil.

Seguindo a linha de palestras, compareceu ao auditório do Colégio Naval o DIRETOR GERAL DO PESSOAL DA MARINHA que nos falou sobre as atribuições de sua função e sobre os cursos de promoções de oficiais, pois tudo o que interessa ao oficial da Marinha é de interesse do aluno do Colégio Naval.

No decorrer do ano, também compareceu ao Colégio Naval o comandante do CIAW (Centro de Instrução Almirante Wandenkolk) que nos mostrou a real carreira do oficial da Marinha e um grupo de aspirantes da Escola Naval chefiados pelo aspirante 4001-LEE (Comandante-Aluno da Escola Naval em 89) que expuseram a vida do aspirante, saciando assim um pouco da ansiedade do 3º ano que no ano seguinte estaria naquela casa de formação.

Finalizando as palestras de 89, o corpo de alunos teve o prazer de receber o presidente da COMISSÃO NACIONAL DE ENERGIA NUCLEAR que discorreu sobre a utilização correta da energia nuclear e sobre a atual política nuclear brasileira, dando-nos uma verdadeira aula de cidadania e profissionalismo; e também o AE (RRm) EDDY SAMPAIO ESPELLET que falou à turma Almirante Paulo Moreira sobre a vida de nosso patrono, uma vez que eram companheiros de turma na Escola Naval.

O Colégio Naval, através de seu corpo de alunos, muito agradece a presença dos palestrantes do ano de 1989:

AE JOSÉ DO CABO TEIXEIRA DE CARVALHO

Diretor-Geral de Pessoal da Marinha.

AE (RRm) EDDY SAMPAIO ESPELLET

VA FERNANDO DO NASCIMENTO

Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra.

CA CARLOS EDMUNDO DE LACERDA

Comandante do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk.

CA SERGIO TASSO VÁSQUEZ DE AQUINO

Comandante da Força de Submarinos.

CA WALDEMAR NICOLAU CANELAS JÚNIOR

Comandante da Força de Fragatas.

CA CARLOS FREDERICO VASCONCELOS DA SILVA

Comandante da Força Aeronaval.

Aspirante LEE

Comandante-Aluno da Escola Naval em 89.

Doutor REX NAZARÉ

Presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear.



C. Alts. Canelas adentrando o auditório do CN



Dr. Rex Nazaré, presidente da CNEN



SAG

Ao assumirmos, no final de 88, a direção da Sociedade Acadêmica Gree-nhalgh, prometemos, no discurso de posse, fazer da SAG-89 a melhor da história do Colégio Naval. E, agora, ao olhar para trás, no apagar das luzes da nossa gestão, eu diria que nós conseguimos.

Apesar das fainas, do estudo, dos treinamentos nas equipes, das Ordens-Unidas, sempre arranjamos um tempo para nos dedicarmos à So-ciedade, muitas vezes, abdicando do nosso tempo de sono.

Entre algumas das nossas principais realizações, eu gostaria de citar o reaparelhamento dos Grêmios, a manutenção das Salas de Estar e do Sa-lão de jogos, os dois bailes no Clube Naval de Niterói, o Baile do Calouro mais animado dos últimos tempos no Clube Naval do Rio, a revitalização do Gingilim, jornal dos alunos, e a edição da lista telefônica do 3º e 2º anos, que permitiram uma melhor comunicação dentro das turmas.

Enfim, a todos os integrantes da SAG, os parabéns de todo o Co- de Alunos e, principalmente, da turma 87 pela devoção e pelo sucesso que atingiram no seu trabalho.

AI. SILBERT

Saga

FRAGATA"

Não é fácil colocar no papel um ano de vida. Contar a história do terceiro ano do CN da turma Alte. Paulo Moreira foi uma tarefa árdua que exigiu de todos, editores, secretários, redatores, fotógrafos, relações-públicas, diretor, presidente, a maior dedicação e renúncia. Foram dias de trabalhos intensos, onde o ideal ganhava força e o sonho tornava-se mais real.

Para que isto fosse possível, foi imprescindível a união do grupo, fato que nos fez superar todos os obstáculos surgidos ao longo do ano de 1989.

AI. OLINTO



ARTES PLÁSTICAS

Sempre acreditando que temos nas artes uma das mais belas e eficientes terapias, tentamos dar uma atividade no Grêmio neste ano de 1989. Começamos por um reaparelhamento, incentivando a participação de um maior número de alunos em nossas atividades e contribuindo na organização e bom desempenho de alguns eventos ligados à Arte no Colégio Naval. Tais como a III Gincana de Artes, que teve um sucesso incrível e que a cada ano cresce mais, e a IX EXPOART (IX Exposição de Artes), que nos dá a chance de conhecer um pouco mais dos artistas de Angra dos Reis e Parati, bem como as suas obras. Tivemos a oportunidade de expor obras realmente muito belas e seria injustiça citar nomes, pois poderíamos esquecer alguns, e todos, sem exceção, contribuíram muito para o sucesso do evento.

AI. SILVA



XADREZ

O Grêmio de Xadrez procurou intensificar suas atividades, mantendo sempre suas portas abertas aos participantes desse jogo que, antes de ser jogo, é uma ciência e, antes de ser ciência, é uma arte.

Foi realizado, pela primeira vez, o "Curso de Iniciação em Xadrez", onde ensinamos o jogo a muitos Alunos que não o sabiam, procurando, assim, integrá-los às atividades do Grêmio.

O ponto alto de nossas atividades foi a competição contra a Escola Naval, onde participaram os Alunos Silva Júnior, Silva Lima, Mano Freitas e Augusto. Apesar da derrota, pudemos mostrar um bom nível técnico para a nossa pouca experiência.

AI. FERRARI



FOTOGRAFIA

O Grêmio de Fotografia, criado com a finalidade de unir os Alunos que se interessam pela arte de fotografar a fim de promover um intercâmbio entre os mesmos, alcançou seu pleno desenvolvimento este ano.

As principais atividades durante o ano foram: a cobertura dos principais eventos envolvendo o Colégio Naval; o fornecimento de fotos aos Alunos que desejavam guardar uma lembrança para futuras recordações e o fornecimento de fotos para esta revista.

Ao término deste ano, temos a certeza de que o Grêmio de Fotografia desempenhou o seu papel, registrando para sempre nossos momentos no Colégio Naval.

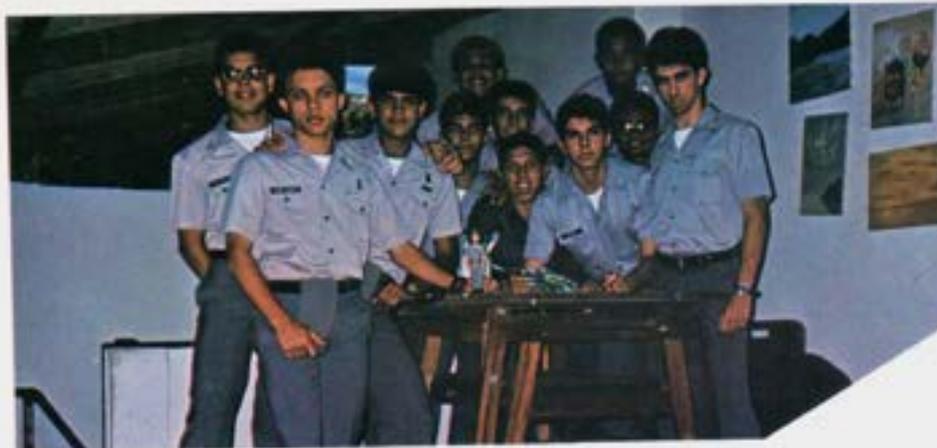
Al. SÍLVIO



GINGILIM

Tendo a certeza de que tudo que fizemos teve real empenho e vontade de produzir bem, tentamos fazer uma adaptação ao Gingilim, publicando algumas reportagens e textos de interesse, na época das publicações, e que não caberiam na FRAGATA. Com desenhos e textos elaborados com capricho e dedicação, o impacto foi grande. Abria-se o Gingilim, esperando-se apenas piadas, encontravam-se, além delas, muitos textos e outras variedades de matérias. Foram semanas de trabalho e idéias, até que o protótipo chegou às nossas mãos. Valeu o esforço, principalmente, a experiência.

Al. SILVA



PÓLO AQUÁTICO

As atividades do Grêmio de Pólo Aquático, apesar de todas as dificuldades, foram frequentes durante todo o ano e assiduamente frequentadas principalmente por parte do 3º ano, que se destacou durante sua passagem pelo Colégio Naval pelo interesse e dedicação pela prática do pólo. Sentimo-nos satisfeitos pelo trabalho que pudemos realizar. Valeu o esforço!

Al. PAVONI



Sagão

HISTÓRIA

O Grêmio de História é um dos mais antigos dentre os grêmios culturais. Ele iniciou-se através dos sonhos de vários alunos que encontraram o apoio do Prof. FROTA.

O grupo, que possui uma gama enorme de atividades, reunia-se todas as quintas-feiras para debates, análise de textos, estudo de filmes e slides, todos obtidos pelo Prof. Frota ao longo da sua carreira.

O Grêmio procura executar excursões a museus, monumentos históricos, bibliotecas e demais lugares onde se possa enriquecer o conhecimento do jovem e melhorar a sua formação cultural.

Este ano, o grêmio realizou uma visita ao Mosteiro de São Bento e adjacências.

AI. OLINTO



CHARANGA



Munidos de surdos, tarjás, pandeiros e outros instrumentos, os alunos componentes da Charanga do CN, cujo lema é "Alegria acima de tudo", foram peças decisivas nos diversos campeonatos disputados na cidade de Angra dos Reis pelas nossas equipes, bem como na NAE.

A Charanga é a alma da torcida, é "o quê" que levanta a voz e dá força ao atleta. Nas horas de lazer, a charanga proporcionou-nos momentos por demais agradáveis, em especial, com os alunos MAX e JOSÉ.

Esperamos que esta alegria jamais se apague e que os nossos sucessores possam fazer da música uma bandeira, um verdadeiro estandarte!

AI. OLINTO

VÍDEO-CASSETE

O ano de 1989 foi especial para o Grêmio de Vídeo, pois houve um grande desenvolvimento das atividades, principalmente no que se refere à filmagem de solenidades, competições e demais atividades inerentes ao Corpo de Alunos.

Mantendo a tradição, o Grêmio proporcionou, durante os finais de semana, os melhores momentos de lazer, com filmes de excelente nível. Além disso, contando com o insubstituível auxílio do Aluno Balter, o período de adaptação foi documentado e pudemos registrar os primeiros momentos de mais uma turma que chegava ao Colégio Naval.

AI. DAMASCENO

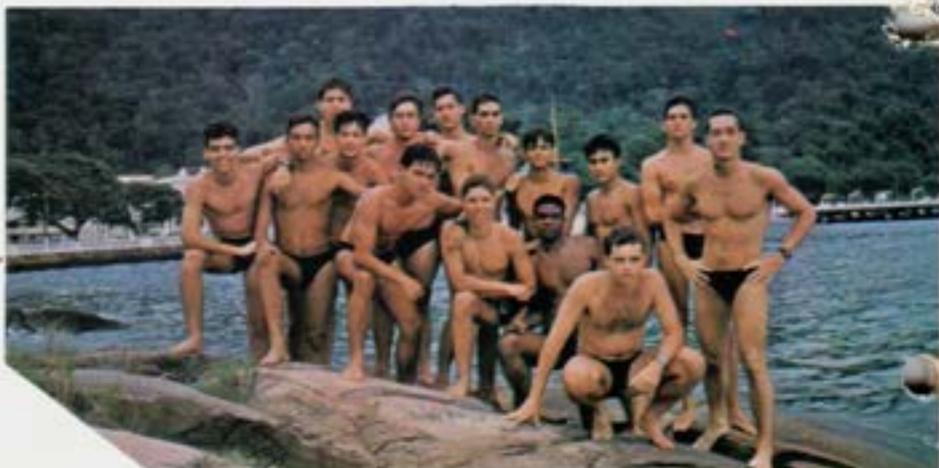


CAÇA SUBMARINA

Não é novidade que Angra dos Reis é um dos melhores lugares do Brasil, porque não dizer do mundo, para prática de mergulho, seja pelas águas claras e mornas ou pela sua beleza natural. O Colégio Naval está justamente encravado no meio deste paraíso. Portanto, não poderia deixar de desfrutar de tamanha maravilha. O Grêmio de Caça-Submarina existe para dar oportunidade aos Alunos de conhecerem e aproveitarem tudo que a Baía da Ilha Grande tem de melhor. Neste ano de 1989, o Grêmio de Caça-Submarina continuou apoiando os Alunos em atividades subaquáticas, desde simples mergulhos até a formação de turmas para cursos de mergulho autônomo realizados no Rio. Desejo sinceramente que a Turma 88 consiga desenvolver ainda mais este Grêmio de enorme potencial.

ÁGUAS CLARAS E BOAS PESCARIAS!!

AI. MÁRCIO CONDE



RELAÇÕES PÚBLICAS

Todo ano, a turma do 3º ano escolhe um grupo de alunos para representá-la nos mais diferentes lugares e situações. Este ano, a equipe destacou-se pela sua atuação nas cerimônias militares, na organização dos bailes da SAG e eventos dentro do Colégio Naval, sempre muito bem orientada pelo Chefe-de-Relações Públicas, AI. ALEXANDRE VERAS.

É responsável, também, pela obtenção das verbas que patrocinam esta revista, sem as quais seria inviável tal realização.

AI. OLINTO



SOM

A música nos acompanha em todos os momentos de nossas vidas quer sejam bons ou ruins. E no Colégio Naval não poderia ter sido diferente. Ela esteve constantemente presente em nossa jornada no CN, mas, em 1989, ela ainda se fez mais presente para nossa turma através do Grêmio de Som, que pôde proporcionar para todos um aumento de seus conhecimentos musicais, e, logicamente, grandes momentos de lazer, atendendo aos mais variados gostos, já que a música é uma arte extremamente dinâmica.

Grêmio de Som: Refúgio de nossas angústias, palco de nossas festas interiores, de nossas emoções e sentimentos mais sinceros. Agora, deixamos o Colégio, já sentindo saudades desse lugar tão místico que é o Grêmio, e desejando que as próximas turmas tenham o mesmo carinho por aquele que, durante algum tempo, foi um lugar tão especial para nós.

AI. BESSA



Grêmios

FORMÁTICA

Neste ano, com o apoio e o incentivo recebidos pelo Grêmio, e com aquisição de novos equipamentos e software mais sofisticados, pudemos dispor de um sistema de computadores totalmente compatível, mais poderoso e confiável.

Conseqüentemente, as fainas pertinentes ao Grêmio foram efetuadas com total sucesso, tais como a apuração da Regata do Aniversário do Colégio Naval, montagem de sistemas em linguagem de alto nível com dBase II e Turbo Pascal, etc.

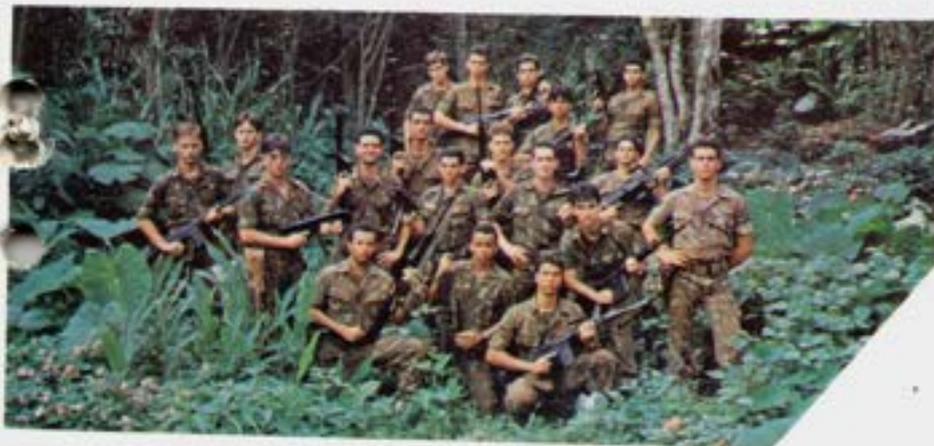
Houve também ampla participação dos Alunos no Grêmio através de uma nova política de utilização do mesmo e também da realização de um pequeno curso de iniciação à ciência da computação do qual fizeram parte duas turmas.

Finalmente, conseguimos a documentação e o correto armazenamento de todos os programas desenvolvidos neste ano, garantindo assim a continuidade do trabalho no ano que se segue, que só terá que aumentar nossa biblioteca básica de software.

AI. LOUREIRO



ANFÍBIO



No ano de 1989 nosso grêmio contou com a presença de 105 alunos, o que demonstrou a grande vontade de todos em conhecer um pouco do CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS.

Nossas atividades internas foram práticas, o que as tornou mais interessantes. Começamos realizando descida de rappel, orientação com bússola, formação de esquadra de tiro e grupo de combate, montagem e desmontagem de pistola 9mm e do fuzil FAL e rápidas noções de sobrevivência.

Nossas atividades externas foram: uma marcha de 12km (Colégio Naval — Vila Velha — Colégio Naval); uma visita ao Batalhão Humaitá, onde fizemos: rappel, rede de transbordo, manobrabilidade de Grupo de Combate (GC), orientação noturna e vimos todo o armamento e equipamento de um Batalhão de Infantaria; uma visita ao Batalhão de Comando da Divisão Anfíbia onde vimos os novos equipamentos israelenses de comunicação, os equipamentos de visão noturna e todo armamento e equipamento utilizado pela Companhia de Reconhecimento Terrestre e uma visita ao Centro de Instrução e Adestramento do Corpo de Fuzileiros Navais (CIAdestCFN), onde vimos o Tabuleiro Anfíbio e a Bateria Antiáerea Bafors.

Em 1990, estaremos fazendo nossa opção pelo Corpo e é com o objetivo de esclarecer o futuro Aspirante, para uma escolha consciente, que existe o NOSSO GRÊMIO ANFÍBIO, dando-nos oportunidade de sentirmos o que é o ESPÍRITO DE CORPO, característica marcante dos FUZILEIROS NAVAIS. ADSUMUS.

AI. DANIEL

CONCURSO DE ORATÓRIA



O Ano Cultural do Colégio Naval tem início sempre, com o Concurso de Oratória, onde se escolhe o Orador da Turma, aquele que será o responsável pelas ordens de parada, o mestre-de-cerimônias, o porta-voz.

Este concurso, já tradicional no nosso meio, tem como pilastra de sustentação o Prof. ROMEU NARCIZO. Ele orienta os textos, treina os concorrentes e faz a apresentação e abertura do Ano Cultural. O Prof. ROMEU tornou-se uma figura singular, sendo o criador e continuador dos eventos culturais desta casa.

O concurso marcou-se por uma intensa disputa onde se sagrou vencedor o Oficial-Aluno RODRIGUES NUNES seguido do Al. OLINTO, que obteve a 2ª colocação. Os demais concorrentes foram os Alunos: UZEDA, FERRARI, MAREN e ELEUTÉRIO.

Al. OLINTO

GINCANA DE ARTES

Por ocasião do 38º aniversário do Colégio Naval, a SAG, através do Grêmio de Artes Plásticas, organizou mais uma Gincana de Artes que contou com a participação de pintores e desenhistas de Angra dos Reis, Parati e Rio de Janeiro, através do apoio da Academia Brasileira de Belas Artes.

A gincana tem como tema o próprio Colégio Naval e objetiva a confraternização entre artistas de todas as regiões do Rio de Janeiro, numa data de especial significação para nós. Esperamos que as próximas datas natalícias do Colégio continuem a contar com este evento.

Al. OLINTO



XI FIC



Mais uma vez o Festival Interno da Canção (FIC) foi vivido por todos: alunos, oficiais e convidados, num clima de total descontração. Marcou-se principalmente pelo respeito por todos os concorrentes, onde o que prevalecia era o talento demonstrado na produção das letras, músicas e arranjos.

A cada ano que passa há o aprimoramento dos competidores. Sentimo-nos realizados com o trabalho executado este ano e só podemos desejar que continuem a elevar cada vez mais o alto nível deste evento, dando assim a oportunidade a novos talentos que irão surgir.

Este ano, a classificação foi a seguinte:

1º lugar: "Um momento de solidão" — Al. Figueira

2º lugar: "Sentir" — Al. Coelho

3º lugar: "Estrela em Flor" — Al. Assano

— Melhor Arrejo: "Um momento de solidão" — Conjunto CN

— Melhor Intérprete: "Um momento de solidão" — Al. Figueira

Al. ASSANO

APRESENTAÇÃO DA UGF



Por ocasião da festa de encerramento do Ano Cultural de 1988, o Colégio Naval teve a honra de receber o Corpo Artístico da Universidade Gama Filho, sob o comando e liderança do Prof. Vitor de Lemos Alexandre, incansável defensor do nosso talento.

O corpo teatral, coordenado pela Profª Marina Paranhos, apresentou o espetáculo "MACHADO DE ASSIS EM DOIS TEMPOS", onde Machado de Assis despertava do seu sono de longos anos, sentado em frente à Academia Brasileira de Letras, e realizava um passeio através de seus textos, revivendo momentos e reencontrando seus personagens. Numa segunda tomada, o Corpo Artístico da UGF apresentou os textos vencedores do concurso literário realizado pela SAG e coordenado pelo Prof. Romeu Narcizo, nosso incentivador e orientador.

Foi uma noite linda, onde a poesia foi a nossa convidada. Teve especial destaque o grupo de Teatro Coreográfico, dirigido pela encantadora Profª Ana Azevedo. O espetáculo foi arrebatadoramente apaixonante.

AI. OLINTO

BAILES DA SAG

No ano de 1988, a direção da SAG, representada em especial, pelo Diretor de Festas, AI. LUIS OLINTO, organizou dois grandes bailes na Sede do Clube Naval de Niterói, em Charitas.

Tais eventos só foram possíveis pela diplomacia da direção da SAG/88 que soube vencer os obstáculos, tornando viável a realização destes bailes que agora passam a fazer parte efetiva do nosso calendário. Esperamos que a Turma 88 consiga torná-los ainda mais freqüentes para, juntos, iniciarmos uma nova tradição.

AI. OLINTO



ENCERRAMENTO DO ANO CULTURAL



Solenidade que já ganhou a condição de obrigatoriedade no Colégio Naval, pelo seu próprio significado e o brilho de que se reveste, superando-se a cada ano.

É o reencontro, passo a passo, com todas as atividades culturais ao longo do ano letivo. Concurso de Oratória, Concurso de Fotografia, apresentações de grupos culturais visitantes, o Festival Interno da Canção (FIC) e o Concurso Literário, nas categorias crônica, conto e poesia, que culminou com a inclusão dos melhores trabalhos no livro RECADOS, publicação anual, que atingiu, em 1988, sua décima edição.

Este ano, o encerramento se deu no dia 26 de outubro. Os trabalhos vitoriosos (os três primeiros colocados de cada categoria) foram levados à cena pelo NAAC (Núcleo de Atividades Artísticas e Culturais) da Universidade Gama Filho.

O encerramento, por si, já é atividade cultural. O Grupo de Teatro Oficina Literária (do NAAC) apresentou-nos um trabalho maravilhoso sobre Machado de Assis, comemorando o sesquicentário de nascimento deste notável escritor (Machado de Assis em dois Tempos).

Como vimos, o encerramento do Ano Cultural já se tornou uma festa cultural, a que compareceram diversas personalidades importantes ligadas ao ramo, e que só se torna possível com o trabalho intenso de equipe, dos membros da SAG aliados a orientadores e mestres.

Prof. ROMEU NARCIZO

CONCURSO LITERÁRIO

A maior dor do poeta é tentar expressar seus sentimentos em palavras. Elas são limitadas e não conseguem traduzir a realidade. Então ele busca a proximidade e, visando publicar o pecado impubescível, sonha. Deste sonho, nasce a obra.

AI. OLINTO

BLOCO DOS SOBREVIVENTES (1º LUGAR – POESIA)

AI. FIGUEIREDO

Peço passagem para o bloco dos sobreviventes
Peço perdão se é pouca gente
Bem menos que em outros carnavais

Peço passagem o que restou está na avenida
É a saudade dolorida
De amigos que não voltam mais

Não é matando os passarinhos
Que se impede a primavera
Não é rasgando o calendário
Que faz mais louca a nossa espera

Nosso estandarte é o silêncio de um minuto
Calem-se as alas da escola
Só bata o surdo que estamos de luto

Nós somos os sobreviventes
Nosso bloco são tão poucos
Um canto triste um samba rouco
Um abre-alas sem enredo

Peço desculpas nosso destaque está ausente
Quero sentir com toda a gente
Um pouco de coragem e muito medo

CARTA DE ABANDONO (1º LUGAR – CRÔNICA)

AI. BRAYNER

Muitos abandonos acontecem todo dia mas o de criança é tocante. Desta vez o pai deixou esta carta:

“Bondoso Senhor, meu nome é José e o da minha mulher é Maria. Este já é o nosso quinto filho e nós não queríamos vê-lo definhar como os outros. A situação em que vivemos hoje está difícilima, a força de vontade e a determinação já não são suficientes para quebrarmos as barreiras, a fé é muita mas a realidade é dura demais, eu não poderia transpassar a espada do sofrimento num coração pequenino como este, a guerra é para pessoas fortes e bem treinadas, mas ele é tão inocente. Por não agüentar mais essa cruz no meu ombro, eu resolvi passá-la em forma de pluma abençoada para o Senhor, pois sei que não pode ter filhos. Espero que não o recuse porque eu gostaria de ter a certeza de que o meu filho vai crescer, conhecer a vida e a situação de pessoas como eu, deverá ter a mesma determinação que eu, mas usada com sabedoria, ele saberá que o amor supera o ódio, que a fé vence a dúvida e que a humildade dissipa a ganância, e tendo consciência de tudo isso, ele se erguerá e lutará até a última gota de sangue, mas palavras e gestos pacíficos apenas, até que a miséria, a fome e a violência tenham acabado.

Peço ao Senhor que o ensine a ser forte, que o transforme num homem. Se o Senhor fizer isso por mim, algum dia o Senhor se sentirá retribuído, apenas sabendo que seis pessoas são felizes.

Ele nasceu em 25 de dezembro, de parto natural.

Obrigado”

Marcelo enxugou as lágrimas, de alegria e de tristeza ao mesmo tempo; Dobrou a carta para mostrá-la ao homem futuramente, pegou a criança no colo, beijou-a e gritou eufórico:

— Luíza! Alberto chegou!

E o bebê chorou.

QUASE PERFEITO (1º LUGAR – CONTO)

AI. VICTOR

O plano havia saído perfeito. Pablo Dominguez conseguira efetuar o assalto ao Banco Setentrional com precisão. Ele e seu sócio desapareceram rapidamente da cena do crime e tomaram direções opostas. Dominguez se considerou o "gênio do crime" quando conseguiu colocar o malote de dinheiro roubado no correio, endereçando-o para fora do estado sem levantar nenhuma suspeita. Enquanto isso seu sócio embarcava para iniciar contato com os receptadores, ao mesmo tempo em que todas as saídas do estado eram policiadas. Ninguém saía sem ser revistado.

A viagem até o Espírito Santo foi tranqüila e Dominguez se dirigiu ao quarto já reservado no hotel para o qual remetera o produto do roubo. Agora só lhe restava esperar. Os cálculos já haviam sido feitos e o malote chegaria naquele mesmo dia por volta das quatorze horas.

O relógio marcava quinze minutos para as duas da tarde e Dominguez estava bastante ansioso. Almoçara rapidamente e corraera para o quarto aguardando a remessa. O jatinho executivo que o levaria ao encontro de seu sócio já estava fretado e sairia às quinze horas em ponto. Tudo funcionava perfeitamente.

Quatorze horas e nada havia acontecido. Sua mente começou a imaginar diversas causas para o atraso. O tempo era escasso e nada podia dar errado. Mas os ponteiros do relógio continuavam a girar e cada segundo era como uma punhalada nas costas. O suor começava a escorrer pelo rosto. Seus olhos não conseguiam se fixar em nada e suas mãos dançavam de um bolso para outro. Já não conseguia mais sentar e esperar. Todo esse clima é quebrado pela campainha. Seus olhos brilham cheios de esperança e ele corre para a porta. A voz do boy do hotel soa horrível!

— Serviço de quarto. O senhor deseja alguma coisa?

No momento seguinte, o pobre coitado não consegue entender por que aquele hóspede lhe fechou a porta com tanta violência a ponto de quase acertar seu nariz.

Um pouco de água fria tenta acalmar a profunda ansiedade, mas não consegue. Na parede do quarto o "maldito" relógio o estava enlouquecendo com aquele barulho "infernial". A televisão é uma tentativa em vão. Dormir também é impossível. O cinzeiro mais próximo voa contra o relógio de parede, espatifando-o. Uma falsa sensação de alívio lhe percorre o corpo, mas é logo substituída pelo "bip" do relógio de pulso comunicando a hora: quatorze e trinta. Aquilo era uma tortura.

O pensamento de ligar para o seu sócio e dizer que tudo havia dado errado quase o dominava quando mais uma vez a campainha toca. Imediatamente a porta é aberta e Dominguez quase tem um ataque cardíaco ao ver a figura uniformizada à sua frente: um policial. Uma forte taquicardia o acompanha enquanto o policial fala. Deseja boa tarde e explica que tem um mandado e vai precisar daquele quarto do hotel para iniciar uma investigação vigiando o prédio em frente através da janela. Atrás dele o gerente do hotel se desculpa e diz que ele será transferido para o quarto ao lado. O pobre assaltante de bancos expressa uma resposta quase ininteligível e o "tira" se aproxima da janela para iniciar o trabalho. Os pensamentos voam naquela cabeça já atordoada, e corre para arrumar as coisas; precisa sair do quarto antes que (talvez!) a encomenda chegue.

A maçaneta mal chega a ser tocada quando o som da campainha parece parar o tempo. Lentamente a porta é aberta e um malote fechado é entregue. O criminoso fica paralisado, perplexo, mas é despertado pela voz da lei:

— Pois é! O senhor sabe como está esse país. Assaltos, assassinatos, o crime não pára. Ontem mesmo o Banco Setentrional do estado vizinho foi assaltado. O senhor soube?

A pessoa parada em frente à porta com um embrulho espremido contra o peito não pode mais ser chamada de criminosa. É chegado o limite da sua resistência. Seus olhos transmitem uma mistura de medo, ansiedade e loucura, o que chama a atenção do homem agachado ao lado da janela.

— O senhor está bem? Tem alguma coisa errada com esse pacote?

Aquilo fora a "gota d'água". A loucura assume o comando e seus dedos chegam a rodear o revólver dentro do casaco, mas o ruído do "walk-talkie" desvia o olhar do policial. Essa é a chance! Dominguez corre pela porta com o embrulho amassado preso firmemente sob seu braço. Ele precisa chegar ao carro na garagem.

O avião já estava taxiando, mas pára para receber um passageiro atrasado. Lá dentro aquele homem arrasado olha as nuvens tocando suavemente as paredes do avião enquanto faz seu vôo tranqüilo. Ninguém no pequeno jato consegue entender por que aquele homem não consegue parar de gargalhar e gritar:

— Consegui! Consegui!

No já distante hotel a campainha é tocada sem receber resposta e um malote entregue pelo correio é devolvido à gerência. Enquanto isso no quarto vizinho, um velho policial se pergunta o porquê da demora da entrega dos equipamentos para o seu serviço. Enquanto espera ele planeja tirar férias. Afinal o número de "stressados" está aumentando rapidamente neste país.



Acima de tudo.

O WESTLAND LYNX é o único helicóptero especificamente projetado para operar a bordo de navios de guerra de pequeno porte, nas mais rigorosas condições de tempo e de mar.

Aprovado e usado pela OTAN, O LYNX é um helicóptero comprovadamente eficaz, em especial em ambientes extremamente hostis e propícios à corrosão.

Não foi por acaso que nove das mais respeitadas Forças Armadas do mundo escolheram o LYNX para seu serviço. Hoje são mais de 300 LYNX operando no Brasil, França, Alemanha Ocidental, Holanda, Dinamarca, Noruega e Nigéria, além da Grã-Bretanha.

Agora temos O ADVANCED NAVAL LYNX. A tecnologia empregada nas pás do seu rotor principal - a mais avançada do mundo - aliada ao aumento de potência em seu motor, resultou em maior alcance e melhor desempenho.

Os últimos desenvolvimentos em aviação, guerra eletrônica, comunicações, sistemas de navegação e o radar de 360° fazem do LYNX um helicóptero insuperável para operações anti-submarino e contra navios de superfície, sejam diurnas ou noturnas e em qualquer tempo.

Há apenas uma escolha
LYNX
ACIMA DE TUDO, O MELHOR

**Westland
Advanced Naval Lynx**

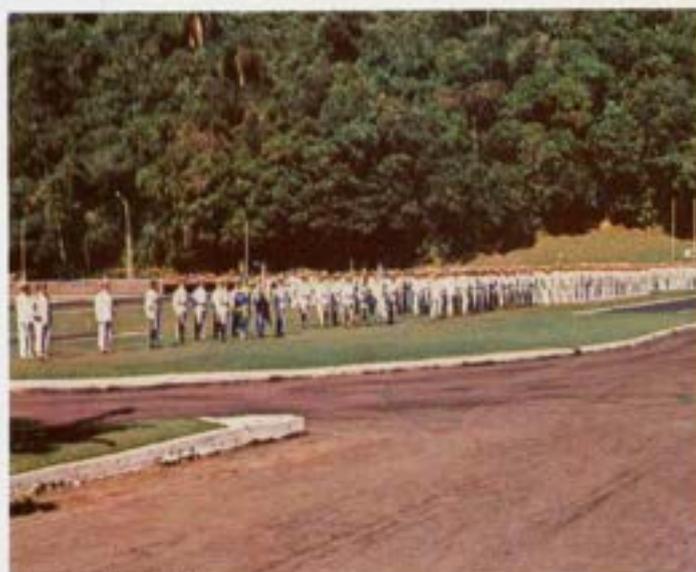
FOR MORE INFORMATION WRITE TO WESTLAND HELICOPTERS, YEovil BA20 2YB, ENGLAND.

Endereço no Brasil: Westland do Brasil - Praça Floriano, 19 - 30º andar - 20031 - Rio de Janeiro, RJ. Tel.: 240-2557 - Tlx.: (21) 30661 - Fax: 533-1474

ANIVERSÁRIO COLÉGIO



Revista do Ministro da Marinha AE Henrique Saboia



Vista geral da cerimônia



O Exm.º Sr. Ministro da Marinha acompanhado pelo Comte. do Colégio Naval visitando a XI Expoarte

No dia 11 de agosto de 1989, deu-se início às comemorações do 38º aniversário do Colégio Naval a realizar-se no dia 15.

Neste dia, uma cerimônia militar, da qual participou todo Corpo de Alunos, encetou com brilhantismo e pompa as atividades que prosseguiram por todo o final de semana. Presidida pelo Exm.º Sr. Ministro da Marinha, Almirante-de-Esquadra HENRIQUE SABOIA, e com a participação de diversas autoridades, tanto civis quanto militares, a cerimônia ressaltou a importância deste educandário militar dentro do contexto da formação de Oficiais na Marinha, que, a cada geração, perpetuam a Instituição que ostenta com orgulho este nome.

Acompanhou-nos, também, a Guarda de Honra da Escola Naval, composta por ex-alunos do Colégio Naval, que simbolizou o objetivo imediato e fase seguinte para os que almejam ostentar os galões do oficialato.

O desfile primou pelo entusiasmo e garbo com que os Alunos o conduziram, chegando a impressionar todos os presentes. Várias pessoas assistiram à cerimônia, dentre as quais muitos pais de Alunos, que fizeram questão de prestigiar o aniversariante, que recebeu seus filhos que aqui chegaram, ainda em tenra idade, para traçar o rumo de suas vidas.

Antes que o Exm.º Sr. Ministro da Marinha deixasse a OM, ofereceu-se um coquetel para as autoridades presentes, seguido de uma exposição de pinturas do local do Colégio, retratando a harmonia entre vultosas construções e a majestosa natureza da Enseada Alte. Batista das Neves.

ÁRIO DO O NAVAL

À tarde, vários ônibus chegaram, trazendo os Aspirantes que participariam das competições CN x EN no final de semana. Na manhã de sábado, sucedeu-se a cerimônia de abertura, presidida pelo Exm^o Sr. Comandante da Escola Naval, seguida das primeiras competições do dia: Atletismo e Remo.

As competições se desenvolveram, de uma maneira geral, num clima de muita esportividade e colaboração. Todos os objetivos, em todos os aspectos, foram alcançados plenamente.

Entre eles, deve ser considerado o bom nível de nossos contendores, motivo que levou a um inevitável aprimoramento de nossas equipes através das dificuldades dos jogos. Mas a oportunidade do contato entre alunos e Aspirantes, num clima de confraternização, deu margem a um conhecimento mais aprofundado e esclarecedor sobre o que nos aguarda na Ilha de Villegagnon.

A cerimônia de Encerramento realizou-se na manhã do dia 13 de agosto e a delegação da Escola Naval foi declarada vencedora, apesar de nossas equipes terem apresentado um aproveitamento surpreendente.

A delegação partiu... Somente o suor, a raça e a vibração das torcidas ficaram nas quadras, pistas, piscina e campos, como símbolo perene do espírito dos atletas que, acima de tudo, são militares e futuros oficiais da gloriosa e inigualável Marinha do Brasil.



A guarda olímpica na abertura da competição EN x CN



Equipes de futebol do CN e EN



Um dos pontos altos da competição: a X Regata do Colégio Naval

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

UNECRIS



ALUNOS CATÓLICOS

Portanto, irmãos, fícai firmes, guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito (2Tes2,15)

Somos o grupo de jovens Alunos Católicos do Colégio Naval e queremos expressar nossa alegria de ter Jesus Cristo como centro e motivo de nossa fé, de nossa vida e de nossa esperança.

Em Cristo passamos a vida da graça, é-nos possível alcançar a plenitude da vida espiritual e moral.

Ele é o Senhor, e nós somos o seu povo, o seu rebanho, e aqui reside o outro grande motivo de nossa alegria: pertencemos a sua Igreja.

Cristo é a cabeça, nós os membros de seu corpo, a sua Igreja, sua verdadeira comunidade.

Então a Capela tem um significado muito especial para nós, ela é o ponto referencial de nosso compromisso com Deus e os irmãos. Seja-nos permitido dizer que a Igreja para nós Católicos é um local muito especial, pois ali lemos a Palavra do Senhor, na Bíblia Sagrada, rezamos, renovamos a nossa fé, solidificamos a nossa pertença a Cristo, e renovamos os propósitos de vivermos bem com os irmãos.

Toda esta consciência adquirimos através dos vários encontros, reuniões, jornada de formação, realizados na Capela do nosso Colégio bem como em casas de Formações da Diocese ou da Paróquia de Angra dos Reis. Encontros estes todos preparados por nós mesmos, sob a orientação do nosso Capelão, Pe. NELSON DENDENA.

Destacamos como grande momento de nossa caminhada no ano de 1989 a realização do IX Encontro de Jovens do Colégio Naval, onde realmente aprofundamos a nossa fé em Cristo.

Que Deus abençoe as novas equipes de 90.

Pe. NELSON DENDENA

GECON



ALUNOS ESPÍRITAS

Os Alunos Espíritas do Colégio Naval, durante o ano de 1989, procuraram, através de suas reuniões semanais, empreender uma série de estudos sistemáticos, visando tornar de maior compreensão a todos os membros do grupo os princípios do espiritismo.

Com os ensinamentos constantes na doutrina consoladora, abre-se a possibilidade do autoconhecimento e a oportunidade de galgarmos os degraus de nossa evolução moral, objetivando alcançarmos um fim maior: DEUS.

Em virtude da passagem de nossa juventude, vale ressaltar a relevância do aspecto religioso na formação de nossas personalidades, em vista da posição a tomarmos mediante o futuro que breve nos concederá a chance de, movidos pelos ideais, trabalharmos em busca de uma harmonia social.

Finalizando, o Grupo, que a cada ano conta com uma nova equipe de direção, deseja transmitir os votos de sucesso à equipe de 90.

AL. SÉRGIO DIAS e AL. SILVA LIMA



ALUNOS EVANGÉLICOS

"Cristo é a nossa vida
o momento do louvor em nosso novo coração
pois morreu a nossa morte, para vivermos sua vida.
Ele nos trouxe a grande salvação".

Deus tem feito grandes coisas em nosso meio... Sua
misericórdia, temos crescido e aprendido a viver o
Evangelho de Cristo.

Alunos Evangélicos do Colégio Naval.

Al. ALDY



★ 1951
+ 1989

AO

CT PASCOAL

Toda perda de um ente querido representa, principalmente para a família, algo muito doloroso.

Falar sobre o homem, o pai, o profissional, o esposo, o amigo José Pascoal Tosi ou simplesmente "o Pascoal", como por todos era conhecido, é voltar à imagem de alguém que por nós passou, embora num tempo bem curto, mas nos deixou vestígios que nunca serão esquecidos.

Para aqueles que realmente o conheceram, Pascoal sempre deixou transparecer, através de suas atitudes, muita competência, senso de justiça, humanidade, integridade e honestidade.

No que se refere ao lado profissional, se, por um lado se mostrava justo e humano, por outro lado agia com bastante rigor para que suas determinações se fizessem sempre cumprir.

Os que o procuravam em busca de ajuda, encontravam nele um grande amigo, que de diversas formas tentava solucionar os problemas, entender as situações e, dentro de suas possibilidades, colaborar para que tudo se resolvesse.

O Esporte e o amor à Natureza eram algumas de suas grandes paixões.

Como encarregado da DEFE, demonstrou sempre ter por esta Divisão um carinho muito especial. Era muito comum em casa ouvi-lo dizer "Minha divisão é o prolongamento da minha casa, e meus EPS são realmente meus amigos."

A falta é imensa. A saudade nos invade a cada momento. Pascoal, entretanto, permanecerá vivo entre nós através das duas preciosidades que ele nos deixou: Marcel e Paulo Vitor.

ELIANA TOSI
TURMA 87



AUDIO-VIDEO-INFORMÁTICA



RÁDIO GRAVADOR STEREO
CS-1800 CD
Compact Disc Player
Memória Programável



TV COLOR 14"
HPS - 1430R
VHF e UHF conjugados num único seletor
HPS - High Performance Screen
Controle remoto com 28 funções
Timer



POCKET STEREO
PS-89

- RÁDIO AM/FM Stereo
- Saída para fone-de-ouvido Stereo
- TAPE com auto-stop



VCR-10X
VIDEO CASSETTE RECORDER

- Programação até 14 dias e 6 programas
- Auto Power On e Auto Play - mesmo com o videocassete desligado, ao introduzir-se a fita, este é ligado automaticamente
- One-Touch Recording - um toque para gravar
- Display fluorescente que indica as multifunções do aparelho
- Reprodução e gravação até 8 horas no modo SLP com fita 1900



AUDIO-VIDEO-INFORMÁTICA

Produzido na Zona Franca de Manaus

Equipes

ATLETISMO

Mais um ano se passou e nossa equipe demonstrou novamente sua garra e perseverança. A cada competição de que participávamos nos dedicávamos ao máximo à superação de nossas marcas, crescendo a cada prova.

Ao ouvirmos o tiro dado pelo Juiz de Prova, ao saltarmos, ao arremesarmos, tínhamos certeza de uma boa performance, pois treinamos o ano todo e confiávamos que nossos braços e pernas estavam bem preparados para enfrentar o adversário. Mas esta confiança e tais resultados só foram possíveis devido ao amor à equipe demonstrado pelos nossos professores-Técnicos NILO e GERALDO, pela competência dos Preparadores Físicos: CB-EP ARAÚJO e CB-EP ITACY, pelo apoio dado pelo



nosso Encarregado CT (FN) QUINTINO e, principalmente, pelo esforço e dedicação dos atletas.

O atletismo novamente demonstrou que, mesmo num esporte individual, onde o resultado de cada um é importante, o espírito de equipe pode prevalecer, tornando-nos um grupo coeso e disposto a incentivar uns aos outros. Nós, do 3º ano, deixamos, saudosos, esta equipe, desejando que este espírito de união e este amor ao atletismo continuem a ser cultivados entre nossos atletas pelos anos que se seguirão.

AI. ANDRÉ BARROS

Equipes

TIRO

No ano de 1989, a gloriosa equipe de tiro do Colégio Naval passou por árduo treinamento e muita dedicação, apresentando excelente nível técnico e grandes resultados contra equipes civis e militares.

Entre as competições contra entidades civis, o Colégio Naval participou com grande destaque nas provas contra os Clubes de Caça e Pesca de Petrópolis e Valença e especial menção à prova da Diretoria de Armamento e Comunicação da Marinha, onde o grande nível técnico de nossa equipe se fez presente ao derrotarmos as grandes equipes do CRF, CCPV, CCPP e CCPN.

Na XXV NAE, apesar de grandes dificuldades, entre elas o adiamento da prova pelo atraso dos juizes e o mau tempo que nos acompanhou, obtivemos um excelente resultado e muitos elogios a nossos atiradores.

A nossa equipe, tendo como sustentáculos os Alunos ORO, CALHAU e PEREIRA DA CRUZ, que se destacaram em várias competições externas e com a grande experiência e orientação do seu Técnico Prof. JORGE MALA e em especial o apoio do seu encarregado CT LUQUE e a dedicação do Preparador Físico CB-EP DE SÁ, pôde terminar o ano como uma das melhores equipes que já passaram por nosso Colégio.

AL. ORO



ESGRIMA

O ano de 1989 foi promissor para a equipe de esgrima do Colégio Naval. No início do ano, com o apoio do comando, recebemos o melhor material para treino e competição existente no mercado internacional, oriundo da Alemanha.

Foi a primeira vitória em um ano repleto de competições e esperanças. A equipe de esgrima do Colégio Naval, agora filiada à Federação de Esgrima do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ), participou, no decorrer do ano, dos amistosos e abertos desta Entidade, das competições contra a Escola Naval e CMRJ, visando sempre à competição maior: a NAE, no seu último ano como demonstração. Resta, ao término deste ano, desejar sorte e felicidades para a equipe de 1990, que carrega em seus ombros os sonhos e aspirações de cada um que por ela passa.

AL. LOPES JÚNIOR e AL. ERICK

Equipes

TRIATLO

Muita determinação e amor ao esporte são necessários para praticar o triatlo, pois se trata da reunião de três modalidades esportivas totalmente distintas e que exigem muito do atleta.

Além da garra e da dedicação, foi marcante, no ano de 1989, o aprimoramento de uma safra de atletas de alto nível da turma 87 que, no decorrer dos três anos, sagrou-se tricampeão da modalidade na OLICON, nossas olimpíadas internas.

Em nossa principal competição externa, NAE, nossa equipe teve a oportunidade de colocar em prática todo um ano de treinamento, obtendo os seguintes resultados: 1º lugar na prova de natação, 2º lugar no lançamento de granada e 3º lugar na corrida através do campo.

Com o apoio do nosso Oficial encarregado (QC-CA) EVERALDO e da nossa comissão técnica: Prof. UBIRATAN (BIRA), 2ºSG-EP MAGACHO e o massagista VIVALDO, chegamos ao término dos três anos com a certeza de que valeu a pena ter se esforçado e adquirido o espírito de união e fraternidade que só o esporte traz. Parabéns aos triatletas.

AI. TEIXEIRA



FUTEBOL

Nossa equipe começou o ano de 1989 com grande vontade de conquistar o Bicampeonato.

Nos treinos, contra vários times de Angra, do Rio e até mesmo o juvenil do Botafogo, demonstramos ter assimilado as orientações do Professor ADOLFO na parte tática e técnica e do SG ROQUE na preparação física.

Chegamos à NAE cientes do nosso potencial, o que nos facilitou a vitória sobre a EsPCEX de 2 a 1. Na final contra a EsPCAR, empatamos de 1 a 1 no tempo normal e na prorrogação, quando começou a disputa em pênaltis, era claro, que chegaríamos ao BICAMPEONATO, devido a nossa calma e o nervosismo do adversário.

Ao final, COLÉGIO NAVAL BICAMPEÃO. Parabéns, equipe!

ALUNOS DA EQUIPE



Equipes



NATAÇÃO

Março de 1989: era o prelúdio de mais um ano de trabalho duro, treinos árduos, engrandecimento e satisfação. Não nos decepcionamos. O ano de oitenta e nove foi a concretização de um movimento iniciado há dois anos atrás: o movimento de integração e companheirismo entre os membros da equipe, sentimento que se fez presente em todos os momentos.

Agradecemos ao CT (IM) TORRES pelo papel importantíssimo desempenhado durante todo o ano. Foram muitas as "piruações", as conversas de igual para igual e principalmente a amizade e gratidão que devemos a esse inigualável encarregado.

Não seria justo esquecermos a dedicação e presteza do CB-EP BERTELS e, principalmente, a competência e experiência do nosso técnico VARO PIRES, que, com seu bom senso, soube exigir garra e empenho de todos de uma maneira amigável e repleta de respeito.

Aos companheiros que aqui ficam, torcemos pelo sucesso e pela continuidade da enturmação e constante quebra de recordes.

Características de hoje e sempre equipe água: A NATAÇÃO.

Al. FAULHABER



JUDÔ

Em 1989, a equipe de judô contou com o incansável trabalho de três grandes pessoas: o Técnico JORGE, o Oficial Encarregado TEN. SÉRGIO LUÍS e o CB-EP GOMES. Fato esse que foi decisivo para o aprimoramento técnico, psicológico e a união da equipe durante as competições do ano esportivo.

Ao chegar à NAE, estávamos unidos num só ideal: "vencer". Em todas as categorias, os nossos atletas mostraram inteligência e garra; consciência de que nenhum esforço fora poupado para conseguirmos a vitória.

Al. VANLOI

Equipes



REMO

Força, resistência e técnica são os elementos fundamentais para a boa performance de um remador. Este ano, porém, a nossa equipe buscou um maior apuro no que diz respeito ao estilo de remada, optando por concentrar nossos esforços na elaboração e no aprimoramento de nossa técnica.

As competições se sucederam e, mesmo enfrentando inúmeros obstáculos, não tardou para que percebêssemos que nossa filosofia de treino estava correta. Nossos melhores resultados foram: uma vitória frente às duas guarnições da EFOMM e, na mais emocionante das regatas a remo, CN x EN, alcançamos um honroso segundo lugar após praticamente irmos juntos durante toda a raia.

Assim, resta-nos a mais absoluta certeza de que a turma 87 manteve, de forma brilhante, a tradição de garra e vibração de nossa gloriosa equipe, o que, para nós, foi extremamente gratificante.

AI. MARCOS CESAR

VELA

Recebida a Cana do Leme pela nova comodoria, iniciaram-se os esforços para prontificar as flotilhas, visando ao aprendizado e às competições do ano de 1989.

As avarias e o desgaste de material, durante o período de vela anterior, deixaram para os meses de férias escolares vários Guanabaras necessitando de grandes reparos. Mãos à obra! Como de costume, as oficinas de reparos do Colégio fizeram o que parecia impossível. E, em março, todos os barcos estavam reparados, pintados e dentro d'água para mais um ciclo de treinamentos.

A flotilha de Laser organizou-se para os treinamentos, instituindo o Troféu Eficiência para o melhor do mês anterior. E os frutos do treinamento motivado foram claramente percebidos pelas classificações obtidas pela Flotilha nas regatas Verolme, Colégio Naval e Marinha Mercante.

Organizaram-se logo as Patescarias para a Ilha Grande, as regatas internas e externas, a regata Colégio Naval e as marcantes viagens de ida e volta ao Rio de Janeiro com a flotilha de "Veleiros de Oceano".

Agora, ao chegarmos ao final do ano, temos o sentimento de inércia do período pós-férias dos meses de março a abril substituído pela satisfação de termos vivido importantes experiências dentro deste esporte tão marinho.

AI. FERRARI



Equipes



VÔLEI

É com grande satisfação que venho falar da equipe de vôlei do Colégio Naval formada para disputar as competições do ano de 1989.

Durante todo o ano, a equipe foi sempre muito coesa e o treinamento era tido em primeiro plano. As brincadeiras existiam, mas nunca eram feitas em momentos que pudessem atrapalhar o rendimento da equipe.

Foram muitas as vitórias e podemos dizer que conseguimos fechar o ano com um saldo bem favorável. Isso se deve ao esforço, garra e dedicação dos integrantes da equipe, aliados à experiência e vontade de vencer do técnico CAPDOSO, o "QUINZINHO", e do preparador físico OMAR.

Restam-nos, agora, apenas as lembranças dos três anos que passamos defendendo, com todas as forças, essa maravilhosa equipe. Desejo muita sorte aos terceiranistas que ora defenderão as cores da Escola Naval e a mesma dedicação aos companheiros que continuarão na equipe durante o próximo ano.

AL. RENATO

BASQUETE

O ano de 1989 foi marcado por muita dedicação e força de vontade. Foram muitos dias de treinamento intenso e aplicação, visando ao aprimoramento de nossa forma para que pudéssemos dar o melhor de nós nas competições. Durante os fins de semana, nossa equipe jogava contra grandes Clubes do Rio de Janeiro, obtendo vários resultados positivos.

Após o término da NAE, onde obtivemos o 2º lugar, só nos resta agradecer ao incentivo e apoio dado pelo nosso Encarregado (CT PAULA SILVA) e nossos treinadores (Prof. BIAL e MOACIR), ficando a lembrança de uma equipe forte e unida, onde se consolidaram grandes amizades, o que, certamente, marcará para sempre nossas vidas.

AL. MATTOS



Esportes

ABERTURA DO ANO DESPORTIVO

O ano esportivo começou com o Campeonato de Novos, seguido da OLICON (competição realizada em duas partes, uma em cada semestre) e teve como ponto alto as competições entre o CN e os seguintes estabelecimentos: Escola Naval, Colégio Militar do RJ, Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM) e finalmente culminou com a competição entre as três armas: a NAE.

Todas estas competições foram marcadas por um intenso senso de responsabilidade, respeito ao adversário e por uma grande dedicação por parte dos atletas. Estes heróis nos seus campos de batalha lutaram até que nada restasse, nem mesmo a esperança. A ordem era "VENCER".

A todos os atletas que deram muito mais que o suor, mas sangue e lágrimas, o nosso valoroso apreço, certos de que fizeram o melhor que puderam.

AI. OLINTO



Cerimônia de abertura do ano desportivo

CAMPEONATO DE NOVOS

Todos os anos, a DEFE (Divisão de Educação Física e Esportes) organiza o Campeonato de Novos, cujos objetivos básicos são: proporcionar uma oportunidade de descontração entre os novos alunos e descobrir novos talentos no esporte.

Tem sido através do Campeonato de Novos que os técnicos descobrem aqueles que vão dar continuidade ao trabalho realizado e ao nome do Colégio perante as outras instituições, através das competições ternas.

Este ano, sagrou-se vencedora a 4ª Companhia.

AI. OLINTO



Acirrada disputa na competição de natação

Esportes



Al. Valeiko pedindo permissão para acender a pira olímpica

OLICON

Com o já tradicional espírito de confraternização entre os alunos dos três anos, a OLICON-89 trouxe um objetivo maior: a preparação de nossos atletas para a NAE. Objetivos muito bem alcançados pela garra; espírito competitivo e companheirismo demonstrados pelos alunos em geral.

Como se esperava, o 3º ano mais uma vez sagrou-se campeão, fazendo jus ao cobiçado Troféu Eficiência de 1989. Entretanto, não foi o único campeão, pois venceu, junto com todos demais Alunos, ao plantar as sementes de uma amizade que perdurará por toda nossa vida na Marinha.

Missão cumprida!

AL. LOPES JÚNIOR

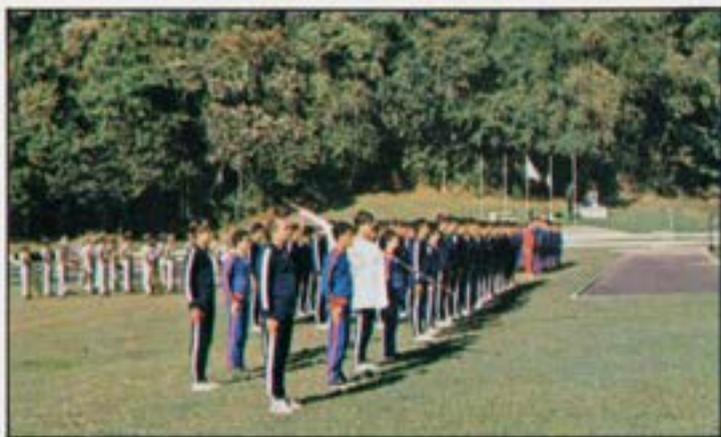
CN x CMRJ

No mais cordial espírito de amizade, iniciou-se mais uma competição entre estas duas escolas de renome nacional: Colégio Naval e Colégio Militar do Rio de Janeiro, com o intuito de integrar cada vez mais estas juventudes que trilham o caminho das armas e instigar o espírito competitivo de cada jovem que aspira à vitória. Para o CMRJ é mais uma competição; para nós, é uma preparação para a NAE.

Em 1985, foi instituído o "Troféu Amizade", que ficaria de posse de-



Momento emocionante dos esgrimistas do CN e do CMRJ



Vista da formatura das equipes do CN e do CMRJ

finitiva da Escola que vencesse três vezes consecutivas ou cinco alternadas. O Colégio Naval sagrou-se campeão em 85 e 86. A partir de 1987 os Comandantes das duas escolas, em comum acordo, decidiram que a competição passaria a ser disputada como nas olimpíadas, sendo a premiação feita somente aos atletas, dando-se ênfase à confraternização. Assim, o Troféu passou a ficar na escola sede da competição até os jogos do ano seguinte.

AL. LOPES JÚNIOR

Esportes



Momentos finais da disputa da competição de remo entre os barcos da EFOMM e do CN

MERC NAV — 89

Dando início às competições externas preparatórias para a NAE, o Colégio Naval enfrentou os Alunos da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM). A competição, ocorrida em junho, teve como palco de confronto a Enseada Alte. Batista das Neves.

Apesar da diferença de idade, os atletas do Colégio Naval souberam competir em termos de igualdade em todos os esportes, conquistando a vitória na maior parte deles.

No final da competição, ficou a certeza de que os laços entre os Alunos do Colégio Naval e da EFOMM estão mais fortes do que nunca e de que as nossas equipes venceram brilhantemente mais um obstáculo na preparação para a competição contra as Escolas co-irmãs, a NAE.



Aluno Gláucio recebendo a premiação do salto em altura para o CN

Esportes



Parfilões olímpicos da EN e do CN

COMPETIÇÃO ENTRE CN E EN

A competição entre a Escola Naval e o Colégio Naval é uma das mais importantes dentre aquelas previstas no Calendário Oficial Esportivo, já que une Aspirantes e Alunos, que também virão a se tornar Aspirantes, através do mais saudável e entusiasmante meio esporte.

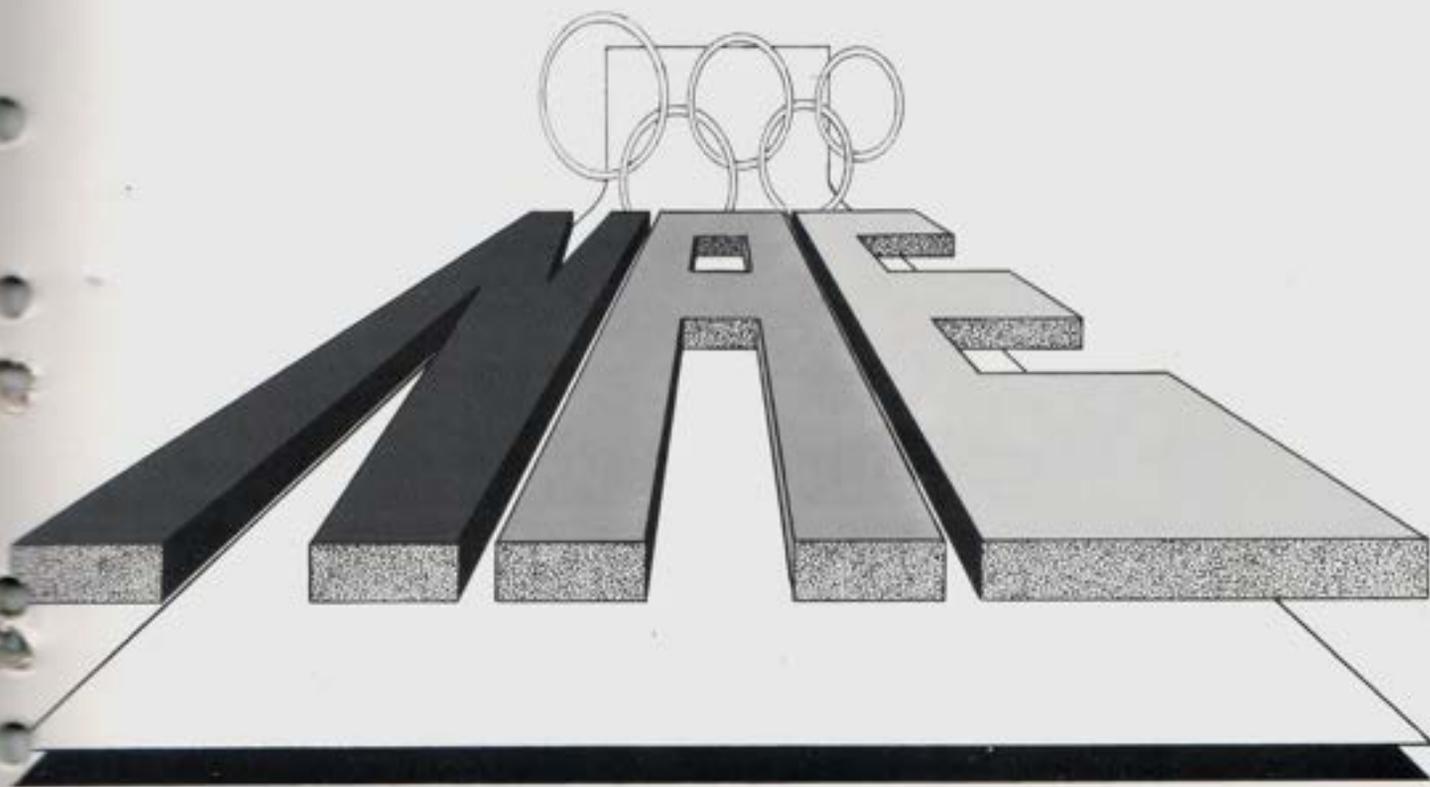
Durante o decorrer do ano, todos os objetivos foram alcançados, visto que a superioridade e experiência dos Aspirantes servem para aumentar a garra e vontade de vencer dos nossos atletas, tornando todas as competições disputadas, mas até o final.

A competição ainda serviu para treinar nossos atletas para posteriores competições, sempre ressaltando o grande espírito esportivo presente entre os companheiros da Marinha.

Al. RENA



A vitória do CN no nado de peito





A pira olímpica é acesa dando início à XXV NAE

XXV NAE

21 de Setembro de 1989, data viva na memória dos atletas que, após um longo ano de preparação, viam-se frente a frente com a NAE, competição que reúne as equipes das escolas co-irmãs: Colégio Naval, EsPCEX e EPCAR. Este ano embarcávamos rumo à EPCAR e nossa ansiedade era grande. Lá, seríamos só nós, sem o apoio de uma grande torcida. Mas nem o sol quente do dia 22 acabou com a empolgação dentro dos ônibus, marca registrada dos alunos. Empolgação esta que cresceu devido à calorosa recepção da EPCAR. O entrosamento era a "ordem do dia". O reencontro dos colegas de cursos preparatórios e as novas amizades só eram ofuscados pelo espírito daqueles jovens atletas, dispostos a regressarem com as cobiçadas medalhas.

A alvorada do dia 23 significou o primeiro encontro com o rancho da EPCAR. Significou, também, reuniões de equipe para tratar dos assuntos técnicos relativos às diversas modalidades. Para os atletas, foi a emoção de conhecer aquela escola que seria palco de suas alegrias e tristezas. Era momento, também, de conhecer Barbacena e de "roubar" uma torcida para nossas competições. Os pontos altos eram a danceteria "Brilho" e a lanchonete "Gulosão" de onde angariaríamos a já tradicional torcida feminina. Entretanto, já amanhecia o dia 24 e era preciso descansar para enfrentar a grande agenda de eventos, a começar pela cerimônia de abertura, presidida pelo Exm^o Sr. Brigadeiro do Ar João Felipe Sampaio de Lacerda Júnior, à qual compareceu grande parcela da população da cidade.

Após a cerimônia, fomos brindados por um show de habilidade e coragem dos pilotos da Esquadilha da Fumaça e dos pára-quedistas do Esquadrão de Salvamento Aeroterrestre da FAB.

À tarde nós sofremos e suamos com a equipe de atletismo na pista de corridas, no disco, no peso e nos saltos em altura e distância, mas, infelizmente, não conseguimos o melhor resultado. No basquete, à noite, a história foi outra: uma sensacional vitória sobre a EsPCEX. Entretanto, o jogo de vôlei, na mesma noite, não foi favorável e a EPCAR nos venceu suando.

Acordamos a toque de corneta no dia 25, pois, logo às

09:00 horas, iniciaria a competição de natação, onde marcamos presença com a dobradinha dos alunos Silber Brandão nos 100m nado de peito, os 2^{os} lugares dos alunos Bittencourt (100m livre e 200m Medley) e Marcus Vinícius (100m costas). Ressalta-se, ainda, que a equipe composta pelos alunos Bittencourt, Pavoni, Marcos André e Marcus Vinícius levou o 2^o lugar no revezamento 4 x 100m livre.

Às 10:00 horas da manhã do dia 26, nós já nos encontrávamos à beira da piscina para torcer por nossos atletas nesta emocionante etapa do triatlo, etapa na qual nos saímos bem, com os alunos Ewandro e Teixeira, respectivamente, em 2^o e 3^o lugares. No judô, à tarde, ficamos em 2^o lugar por equipes. O destaque foi o aluno Pieroni que, com muita garra, defendeu nossas cores. Encerramos, à noite, com uma fácil vitória no vôlei sobre a EsPCEX. O ponto alto, mais uma vez, foi a animada torcida feminina em favor do Colégio Naval fato que agradecemos carinhosamente às senhoritas da acolhedora cidade.

O ritmo das competições incorporou-se às nossas atividades. A animação era total. Estávamos no meio da NAE. Tínhamos muito a fazer, principalmente naquele dia 27, que iniciou com a esgrima, no seu último ano como demons-



A dobradinha campeã na categoria absoluto

tração. Usando o seu moderno material, vindo diretamente da Alemanha, a esgrima demonstrou força de vontade e disposição, colocando-se em 2^o lugar no amistoso. Paralelamente, corria a competição de lançamento de granada, 2^a etapa do triatlo, onde fomos muito bem representados novamente pelo aluno Ewandro, 2^o colocado. Ainda pela manhã, deu-se, no "stand" de tiro da EPCAR, a competição de tiro, na qual destacou-se o aluno Pereira da Cruz, obtendo o 3^o lugar. À tarde, nossa equipe de futebol presenteou-nos um jogo de grande técnica, vencendo a EsPCEX por 2 x 1. De noite era de praxe um chopp geladinho no Gulosão, bem acompanhado, claro!



NAE



Nossa equipe de futebol bicampeã na XXV NAE

O nascer do sol foi mais intenso no dia 28. Madiamos pela intensidade de nossa emoção, neste que era o penúltimo dia de NAE. Emoção que começou como individual de judô estampada nos rostos dos alunos Pieroni (1º lugar-Leve), Baptista de Souza (1º lugar-Meio Médio), Gilson (2º lugar-Médio), Riera (2º lugar-Pluma) e Fabiano (3º lugar-Meio Leve).

Garra demonstrada, principalmente, pela dobradinha dos alunos Pieroni e Baptista de Souza no absoluto.

Pouco mais tarde, ocorria a terceira e última etapa do triatlo: a corrida através do campo. Nesta, o aluno Figueira conseguiu a 5ª colocação. O destaque geral foi o aluno Teixeira, 6º colocado. Já no Basquetebol, após um jogo tenso do início ao fim, perdemos para a EPCAR por apenas 5 cestas, embora a equipe tenha sido apoiada por uma considerável torcida. Findava-se o penúltimo dia de competição. Era tempo de despedidas, pois o dia seguinte seria repleto de surpresas. Surpresas como nossa vitória no futebol contra a equipe da EPCAR. Foi um jogo duro, cheio de momentos de perigo, principalmente para o nosso goleiro, aluno Issa, que após o 1 x 1, defendeu firmemente o nosso gol nas disputas de pênalti. Final: 3 x 1 para o CN. A emoção tomou conta da torcida. Todos choraram, inclusive o CT (FN) Brito, oficial encarregado da equipe.

Após a premiação, tivemos a cerimônia de encerramento presidida pelo Exmº Sr. Ministro Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Almirante-de-Esquadra Valbert Lisieux Medeiros de Figueiredo que nos fez ver, com suas palavras, a importância da NAE na integração das escolas militares. Foram premiados, durante a solenidade, os melhores atletas de cada escola. Entre os nossos, o destaque foi o aluno Pieroni que demonstrou grande espírito competitivo durante os jogos. Encerrava-se portanto a XXV NAE.

Não vencemos nas quadras, mas sim nos campos da amizade e do coleguismo. Foi uma vitória conjunta com nossas duas irmãs: a EPCAR e a EspCEX. Tenho certeza que esta vitória ficará gravada em nossos corações até o fim de nossas vidas.

AL. LOPES JÚNIOR



Um salto espetacular no Al. Gláucio

RELAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO APROVADOS NOS EXAMES DAS ESCOLAS MILITARES (1988/89)

EPCAR

01. Adriano Arandá; 2. Alessandro da Silva; 3. Alexandre Molner; 4. Alexandre Rosa Botelho (2º SP); 05. Álvaro Sitas U. M. dos Santos; 06. André Luiz P. Perez de Moraes; 07. André Luiz Malvasi L. de Oliveira; 08. Arthur Alvariz de Souza; 09. Arthur Luiz Palmeira Leite; 10. Braz Rafael da Costa Lamarca; 11. Carlos Mariz de O. Teixeira; 12. Carlos Roberto Alves; 13. Cássio Alexandre F. Freire; 14. César Franco de Lima (2º SP); 15. Clodoaldo A. Aníbal; 16. Danilo de Oliveira Godoy; 17. Dirlei de Godó; 18. Douglas Amato (2º SP); 19. Eduardo Alexandre Bacelar (1º SP); 20. Eduardo Barros; 21. Eduardo Cavallini; 22. Eduardo D. da Silva; 23. Emerson G. Almeida; 24. Fabiano Sanchez; 25. Fábio B. Godoy; 26. Henrique Abreu da S. Velho; 27. Ivo Francisco D. de C. Siqueira; 28. Jaime M. de Souza; 29. Jean Marcos S. Marcolino; 30. José Antonio de M. Bartschevicius; 31. José da Conceição C. Júnior (2º SP); 32. Juliano Eduardo Ferri; 33. Júlio César T. S. Almeida; 34. Leandro A. Lopes; 35. Luis Roberto F. Finardi; 36. Luiz A. Algodor Vieira Ramos; 37. Marcelo F. da Silva; 38. Marcelo Henrique; 39. Marcelo Muzzi; 40. Marcelo R. Maia; 41. Márcio do P. Beltrami; 42. Marco A. Nunes; 43. Maurício Martins Ouchi (1º SP e 1º BR); 44. Mauro S. Moraes; 45. Oscar L. Tonoka; 46. Paulo Nishizawa; 47. Renato M. Basso; 48. Ricardo B. Silva; 49. Ricardo H. Ogata; 50. Ricardo Martins Ouchi (1º SP e 1º BR); 51. Rogério Saiz; 52. Sandro A. Alves; 53. Sandro R. Reiz; 54. Sandro S. Barros; 55. Sérgio Ricardo Dos de Godoy (2º SP); 56. Sívio Pass L. Malvasio; 57. Túlio E. Rodrigues; 58. Washington Luiz de Paula Santos; 59. Yoshinobu Takinami.

COLÉGIO NAVAL

60. Leandro A. Lopes; 61. Renato M. Basso; 62. Henrique Abreu da Silva Velho; 63. Douglas Amato; 64. Ricardo Martins Ouchi (1º SP e 3º BR); 65. Yoshinobu Takinami; 66. José de C. Cardoso Júnior; 67. César Franco de Lima (2º SP e 2º BR); 68. Clodoaldo A. Aníbal; 69. Marcelo R. Maia; 70. Sívio Pass L. Malvasio; 71. César A. Sampaio Terra; 72. Sérgio R. Dos de Godoy; 73. Túlio E. Rodrigues; 74. Cássio A. Fonseca Freire; 75. Gastão S. Neto; 76. Leonardo L. D. da Silva; 77. Dirlei D. Godó; 78. Washington Luiz de Paula Santos; 79. Márcio P. Beltrami; 80. Gláucio C. Takinami; 81. Túlio A. de Souza; 82. Braz Rafael da Costa Lamarca.

CPVO/PM

83. Abelardo J. da Rocha; 84. Adriano Arandá; 85. Alessandro da Silva; 86. Alexandre G. Bento; 87. Alexandre L. Haydu; 88. Alexandre L. Milani; 89. Alexander B. Casado; 90. Alinaldo J. Santos; 91. Álvaro dos S. Júnior; 92. André C. Cláudio; 93. André Luiz P. P. de Moraes; 94. André Luiz Margi; 95. Antonio P. de C. Pereira; 96. Argeo A. Rodrigues Filho; 97. Arthur A. de Souza; 98. Arthur Luiz Palmeira Leite; 99. Arthur Veloso Júnior; 100. Bartolomeu S. dos Santos; 101. Braz Rafael da Costa Lamarca; 102. Carlos A. F. Gonzaga; 103. Carlos G. V. Caccia; 104. Carlos Henrique L. F. Iha; 105. César A. S. Terra; 106. César F. de Lima; 107. Christian J. Soares; 108. Cidimar Bianco; 109. Cláudio J. Marangon; 110. Clodoaldo A. Aníbal; 111. Clodoaldo G. Alencar Júnior; 112. Danilo de Oliveira Godoy; 113. Davi de S. Silva; 114. Dirlei D. Godó; 115. Douglas Amato; 116. Edjan M. Martins; 117. Ewton C. Feliros; 118. Eduardo Canuinho; 119. Eduardo D. da Silva; 120. Elias L. Alves; 121. Elias N. Santana; 122. Elyseu C. de Oliveira; 123. Elson N. Costa; 124. Emerson R. de Sisto; 125. Emerson Sobral; 126. Erlindo José Júnior; 127. Everton Stachon; 128. Fabiano R. Albuquerque; 129. Fabiano Sanchez; 130. Fábio A. R. Alves; 131. Fábio M. Ferreira; 132. Fábio Zonaro; 133. Fátima Salim Kashe; 134. Filomeno A. N. Martins; 135. Flávio M. Soares; 136. Francisco José Simões Fernandes; 137. Gláucio G. Gomes; 138. Hélio dos R. Branco; 139. Helma de S. Pinto; 140. Henrique Rangel Pereira; 141. Henrique Francisco da Rocha; 142. Henrique Martins Bastos; 143. Henrique Souza Pimentel; 144. Honorato Garcia de Souza; 145. Inege C. Porto; 146. Ivan Costa; 147. Ivo Francisco de P. da C. Siqueira; 148. Jaime M. de Souza; 149. Jefferson Carlos; 150. Jefferson de Melo; 151. João Carlos da R. e S. Vitorino; 152. João de Costa Duarte; 153. João do Carmo R. Neto; 154. Jorge A. B. de Miranda; 155. Jorge A. de Souza Siqueira; 156. José A. D. Pinheiro; 157. José C. S. Lopes; 158. José de C. Cardoso; 159. João L. de L. Freitas Júnior; 160. Júlio C. T. S. de Almeida; 161. Jurandyr R. C. Bittenour Júnior; 162. Laércio B. de Oliveira; 163. Leonardo L. D. da Silva; 164. Luciano M. Gomes; 165. Luis A. Santos Favelta; 166. Luis F. T. Costaouric; 167. Luis Henrique de A. Marques; 168. Luis C. dos Santos; 169. Marcelo A. Ciacian; 170. Marcelo C. Cacia; 171. Marcelo D. Vieira; 172. Marcelo de Oliveira Garcia; 173. Marcelo Henrique; 174. Marcelo Muzzi; 175. Marcelo R. da Silva; 176. Marcelo S. Tenório; 177. Marcelo Silva; 178. Marcelo Zanichetti; 179. Márcio A. S. Nunes; 180. Márcio Antonio Ranalli; 181. Márcio R. de Campos; 182. Marco A. Campos; 183. Marcos C. Pereira; 184. Marcos J. Micheli; 185. Marcos N. de Almeida; 186. Marcos R. L. da Costa; 187. Marcus A. M. de Araújo; 188. Marcus Zichan de Moraes; 189. Mário G. de Jesus; 190. Maurício Vieira Franchi; 191. Mauro S. Moraes; 192. Maximilian S. de Souza Júnior; 193. Miguel A. Fernandes; 194. Nelson de S. Santos; 195. Orival Afonso Júnior; 196. Osiris Martins; 197. Osvaldo T. Flores; 198. Paulo G. F. Carmelo; 199. Paulo R. da Silva; 200. Paulo S. Neves; 201. Rafael A. Assolini Júnior; 202. Raimundo N. F. Filho; 203. Reges M. Peres; 204. Reinaldo B. Lopes; 205. Renato P. N. Fincanti; 206. Renato Silva; 207. Rene I. dos Santos; 208. Ricardo J. G. Barra; 209. Ricardo S. Barros; 210. Roberto dos Santos Dias; 211. Roberto T. F. Martins; 212. Rodolfo J. R. Pontezza; 213. Rodrigo Arnsol Scatzein; 214. Rodrigo T. de Araújo; 215. Rogério R. de M. Góti; 216. Rogério Saiz; 217. Rodney M. de Silva; 218. Rubens F. Silva; 219. Sandro G. de Andrade; 220. Sandro S. Barros; 221. Sérgio R. Mondadori; 222. Sídney A. Turato; 223. Sívestre L. Lombardi; 224. Sívio A. Tanaka; 225. Sívio L. Dias; 226. Sívio R. Bittenour; 227. Tales D. Viana; 228. Valdir da Silva; 229. Valdir dos Santos Alves; 230. Vitor A. de Oliveira Filho; 231. Wagner A. do Nascimento; 232. Wagner A. Wenceslau; 233. Wagner I. Martins; 234. Washington Luiz de P. Santos; 235. Washington R. dos Santos; 236. Wilson Nunes da Silva; 237. Wilson Sabino;

C.F.O.P.M

238. Alexander G. Bento; 239. Alexandre D. de Matos; 240. Alexandre L. Haydu; 241. Álvaro dos Santos Júnior; 242. Amari dos Santos; 243. André M. B. Assis; 244. Antonio Carlos de Queiroz; 245. Antonio José da Silva; 246. Armando Pacífico Júnior; 247. Bartolomeu S. Santos; 248. Carlos A. Moreira; 249. Carlos E. Alcides; 250. Carlos G. Machado Neto; 251. Christian J. Soares; 252. Cidimar Bianco; 253. Cláudio José Marangon; 254. Claudionir B. dos Santos; 255. Clodoaldo G. Alencar Júnior; 256. Davi T. de Carvalho; 257. Domingos R. Santana; 258. Elias N. Santana; 259. Elyseu N. Costa; 260. Emerson R. de Sisto; 261. Erlindo José Júnior; 262. Evaldo B. Rangel; 263. Evaldo José de Souza; 264. Fernando M. F. C. Nascimento; 265. Filomeno A. N. Martins; 266. Francisco de A. Pereira; 267. Francisco R. C. Moreira; 268. Helena de S. Santos; 269. Henrique F. da Rocha; 270. Hiramio B. Soria; 271. Humberto H. P. dos Santos; 272. Ivar L. Patrício; 273. Jefferson de Melo; 274. Jerônimo W. de Mendonça; 275. João Albeiro da Silva; 276. João de Costa Duarte; 277. João J. A. Almeida; 278. João P. de Almeida; 279. João Rolando Pozzi; 280. Jorge A. B. de Miranda; 281. Jorge A. de S. Siqueira; 282. José C. S. Lopes; 283. José Luiz M. Rosa; 284. José S. Júnior; 285. Laércio A. Naccer; 286. Lourival Wladimir de A. Pereira; 287. Luiz C. Wagner; 288. Magno L. M. Vitalino; 289. Marcelo Arnsol; 290. Marcelo C. Cacia; 291. Marcelo Zanichetti; 292. Márcio A. Ranalli; 293. Marco A. de O. Campos; 294. Marcus A. M. dos Santos; 295. Marcos C. Toller; 296. Maurício P. dos Santos; 297. Miguel A. Fernandes; 298. Omar D. de Oliveira; 299. Orival A. Júnior; 300. Osório A. de Carvalho; 301. Paulo C. de Araújo; 302. Paulo C. Gomes; 303. Paulo R. da Silva; 304. Paulo S. Neves; 305. Raimundo N. F. Filho; 306. Roberto O. Simão; 307. Robinson Castropi; 308. Robinson T. Império de Viveiros; 309. Roberto S. da Cruz; 310. Rodney Lacava; 311. Rogério A. Nogueira; 312. Rogério D. de Oliveira; 313. Rogério Formar; 314. Sérgio Dias; 315. Sídney Agreardo Turato; 316. Sívestre J. Lombardi; 317. Valdir de S. de Queiroz; 318. Valdir dos Santos Alves; 319. Valdir de S. Pereira; 320. Vitor A. de Oliveira Filho; 321. Wagner A. do Nascimento; 322. William L. de Souza; 323. Wilson Sabino; 324. Elisabete V. de Andrade; 325. Roseli Martinez Lopes.

EsPCEs

326. Sérgio Cardoso (1º SP e 2º BR); 327. Artur M. Castilho (2º SP e 1º BR); 328. Alexandre F. de Carvalho (2º SP); 329. José P. M. Júnior (2º SP); 330. Eduardo de Toledo Pereira (2º SP); 331. Nilo Palmeira Leite Júnior (2º SP); 332. Fábio Luis de Fonseca; 333. Juliano Eduardo Ferri; 334. Luis Felipe Americano Almada.

OUTRAS ESCOLAS

335. Alexandre Molner; 336. Altair D. Sá dos Santos; 337. Alexandre O. Milari; 338. Carlos R. Alves; 339. Cássio A. F. Freire; 340. César Franco de Lima; 341. Dirlei D. Godó; 342. Edgar G. de Oliveira; 343. Eduardo F. da Silva; 344. Edjan N. Martins; 345. Eduardo Barros; 346. Emerson G. de Oliveira; 347. Emerson L. S. Kenegusuke; 348. Gamaliel A. de Costa; 349. Grauco E. Bravo; 350. Jaime M. de Souza; 351. Jean M. S. Marcolino; 352. Márcio de O. Garcia; 353. Marcos C. Pereira; 354. Miguel A. Dias de Souza; 355. Oscar L. Tonoka; 356. Reinaldo M. Neves; 357. Renato Sória; 358. Rogério Saiz; 359. Sérgio L. de Souza; 360. Vicente Coppola Júnior; 361. Washington L. de Paula Santos; 362. Douglas Amato; 363. Alessandro F. R. de Miranda; 364. Alexandre T. Medeiros; 365. Ariston L. Pereira; 366. Braz Rafael da Costa Lamarca; 367. Caio Piva; 368. Carlos G. V. Caccia; 369. Chyo Takinami; 370. Clodoaldo A. Aníbal; 371. Daniel Bernardino B. Carvalho; 372. Daniel L. Fairs; 373. Dante Hirata; 374. Demis Fernandes; 375. Fábio R. P. Robles; 376. Helma de S. Pinto; 377. Jefferson Carlos; 378. João C. G. de Menezes; 379. Jorge J. P. Y. Tanabe; 380. José A. de M. Bartschevicius; 381. José F. C. Viano; 382. Luis H. de A. Marques; 383. Luiz L. Freitas Finardi; 384. Paulo Nishizawa; 385. Renato M. Basso; 386. Renato Silva; 387. Renato S. Gengo; 388. Rodrigo C. do Nascimento; 389. Ronaldo N. de Souza; 390. Sérgio H. Nishi; 391. Sérgio R. Mondadori; 392. Shigeo Kawahara; 393. Sívio R. Bittenour; 394. Washington Luiz de Paula Santos; 395. Yoshinobu Takinami.

CURSO "GENERAL TELLES PIRES"

Rua Coronel Batista da Luz, nº 22 - Próximo ao Lgo. Sta. Efigénia - SP
Fones: 227-5823/228-8321/228-2634
Unidade Santos: Rua Xavier Pinheiro, nº 151 - Fone: (0132) 33-5657

GALERIA DOS ALUNOS DO CURSO CLASSIFICADOS ENTRE OS DEZ PRIMEIROS DE SÃO PAULO



RICARDO M. OUCHI
1º LUGAR: EPCAR
1º LUGAR: C.N.



SERGIO CARDOSO
1º LUGAR: EsPCEX



JOSÉ DA CONCEIÇÃO C. JUNIOR
2º LUGAR: EPCAR



ALEXANDRE ROSA BOTELHO
3º LUGAR: EPCAR



CÉSAR FRANCO LIMA
2º LUGAR: C.N.
5º LUGAR: EPCAR



DOUGLAS AMATO
7º LUGAR: EPCAR



SÉRGIO DOS DE GODOY
8º LUGAR: EPCAR



EDUARDO ALEXANDRE BACELAR
10º LUGAR: EPCAR



ARTHUR M. CASTILHO
2º LUGAR: EsPCEX



JULIANO E. FERST
3º LUGAR: EsPCEX



ALEXANDRE F. DE CARVALHO
4º LUGAR: EsPCEX



JOSÉ P. M. JÚNIOR
5º LUGAR: EsPCEX



EDUARDO TOLEDO PEREIRA
7º LUGAR: EsPCEX



NILO PALMEIRA L. JÚNIOR
8º LUGAR: EsPCEX

A direção e corpo docente do Curso "GENERAL TELLES PIRES" parabenizam seus alunos que pelo seu esforço e dedicação em seu preparo lograram aprovação e se destacaram entre os DEZ primeiros colocados em São Paulo. (1988/89)

O "GINGILIM"



Gergelim — Bolo, farinha ou paçoca em que entra semente de gergelim (Ver: gerzelim, gingerlim e zirzelim) — Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* — 1975.

Perdoe-me o Mestre Aurélio, mas em seu completo, ou quase completo, dicionário falta uma variante de gergelim, muito usada no Ceará e com um significado muito especial para nós na Marinha desde 1951, quando chegou ao Colégio Naval sua primeira turma.

Instalados em Angra, começou a organização comunitária dos alunos. Fundou-se um grêmio, escolheu-se o nome da revista, organizaram-se as equipes esportivas, foi eleita a primeira diretoria do grêmio.

Numa das reuniões iniciais, decidimos que a escolha de um mascote era mandatória, para que os bons fluidos se espargissem sobre nossas equipes, quando de confrontos externos.

O consenso de que o mascote — a exemplo do Brekelé, da Escola Naval — deveria ser um pato branco, foi logo obtido. A ele se chegou rapidamente.

Mas, e o nome?

As discussões começavam e ameaçavam se prolongar indefinidamente quando um dos membros daquela diretoria, cearense, lembrou-se de um nome de sua infância, o nome de uma deliciosa paçoca que ele conhecia como Gingilim.

Esse foi afinal o nome escolhido para o mascote que até hoje, através de seus sucessores, traz a sorte aos alunos do colégio, quando das competições esportivas.

Decidiu-se, também, que para motivar e interessar a turma, o assunto ficaria em segredo e uma campanha seria desfechada anunciando a chegada do Gingilim, sem no entanto divulgar-se do que se tratava.

E os quadros-negros das salas de aula passaram a aparecer com dizeres: "Gingilim vem aí," o que, pela repetição, acabou por despertar curiosidade na turma. Indentificados os gizadores⁽¹⁾ como membros da diretoria do grêmio, quase todos entre os mais antigos da turma, começaram eles a ser assediados.

— Gingilim são os uniformes que vão chegar?⁽²⁾ perguntavam uns.

— Gingilim são os pratos e xícaras de louça!⁽³⁾ afirmavam outros.

— É a revista que vão fazer?"

— O que é afinal?"

A campanha de marketing foi um sucesso. Vendemos a curiosidade em torno do produto, a toda a turma.

Marcou-se um dia para a apresentação do Gingilim. Dois dos membros da Diretoria foram a Angra, compraram o que julgaram ser um pato e, com a conivência dos oficiais, guardamos a peça no galinheiro do colégio.

Mas os compradores, por facilidade de licença, haviam sido escolhidos entre os mais antigos ou mesmo os mais e, como alguém lembrou na véspera, eram bons de livros mas pouco entendidos em outras artes da vida. Resolveu-se conferir o pato.

E, surpresa! Não era pato. Era patal!

Foi um corre-corre e, felizmente, com a compreensão do oficial-de-serviço, um aluno que sabia diferenciar sexos de patos foi a Angra e fez a troca.

No dia seguinte, o Gingilim foi apresentado à turma. Decepção de uns poucos, alegria geral. O Colégio Naval ganhava seu mascote e desde logo começava a lhe dedicar carinho e afeição.

Portanto, Mestre Aurélio, acrescente no seu dicionário: Gingilim — s.m. — pato cheio de gings, mascote do Colégio Naval, imortal, nascido das memórias de infância de um cearense, cultuado com carinho e amizade por gerações de oficiais que se iniciaram na carreira naval na saudosa e bucólica Enseada de Baptista das Neves. — ave da sorte.

N.B. — Matéria extraída do livro "A Marinha Pitoresca" — Ed. 1988

(1) Gizadores — Versão dos anos cinquenta dos atuais pichadores.

(2) A primeira turma do CN recebeu seus uniformes com grande atraso.

(3) Também só chegaram no ano seguinte.

X REGATA COLÉGIO NAVAL



Marcada em calendário para 12 de agosto de 1969, teve seus preparativos iniciados nos primeiros meses do ano. O desejo de realizar o maior evento náutico esportivo do CN de modo a marcar aquele final de semana na região da Costa Verde motivaram-nos a planejar e divulgar amplamente a nossa regata.

No grande dia da regata, brilhou o sol e veio o vento. Já nas primeiras horas da manhã começaram a chegar os competidores vindos de todas as partes da região da Costa Verde e mais Rio de Janeiro.

A raia foi aberta a veleiros de Oceano, Guanabara e Laser, tendo sido premiados os seguintes Alunos:

Na Classe Guanabara

| Barco | Patrão | Colocação |
|-----------|-------------|-----------|
| MERGULHÃO | Al. ROMULO | 1º lugar |
| GINGILIM | Al. TARIK | 2º lugar |
| CAÇÃO | Al. BRAINER | 3º lugar |

Na Classe Laser Júnior

| Barco | Patrão | Colocação |
|---------|--------------|-----------|
| CROQUE | Al. JUDSON | 1º lugar |
| FATEIXA | Al. SARTÓRIO | 2º lugar |
| OLHAL | Al. JELMIRES | 3º lugar |

Na Classe Laser Senior

| Barco | Patrão | Colocação |
|---------|--------------|-----------|
| ARINQUE | Al. ZENÍCOLA | 1º lugar |

Os vencedores receberam seus troféus à noite do mesmo dia no Clube dos Oficiais, sob o prestígio dos senhores Contra-Almirante CARLOS ALBERTO MILANÉZ e Capitão-de-Mar-e-Guerra ODILON LUIZ WOLLSTEIN e apresentação do Capitão-Tenente (IM) ODON ESTEVE BELLA.

A premiação, acompanhada de coquetel, teve como novidade a projeção em telão das filmagens feitas durante a regata.

Ao fim de tudo, fica a grata satisfação de termos realizado um agradável e marcante evento esportivo.

Al. FERRARI

VELEJANDO PARA O RIO

Um dos importantes eventos da equipe de vela durante o ano de 1989 foi a viagem entre Angra dos Reis e Baía de Guanabara para levar a flotilha "Veleiros de Oceano" a outras raías de competição.

A idéia de navegar e velejar além da Baía da Ilha Grande, barra afora, sempre despertou interesse entre os Alunos do Grêmio de Vela, porque, em primeiro lugar, representa a aventura de ultrapassar o limite das águas seguras, e, com a proa para altomar, lançar o barco entre as grandes vagas e o forte vento.

Em meados do ano, já era marcante o nível de preparo e a condição técnica alcançada pela equipe de vela. Começaram então os preparativos para participar das diversas regatas que ocorreriam durante os meses de setembro e outubro, culminando com a 44ª Regata Escola Naval.

Laser's foram transportados para a Escola Naval e a flotilha de "Oceanos", merecedora por suas qualidades marinheiras do apoio e incentivo do Comando do Colégio, largou as amarras para velejar quase uma centena de milhas até as águas da Guanabara.

Os Veleiros foram guarnecidos por três Alunos e um oficial em cada barco, e, após suspender do Colégio as 15:00 h, numa boa velejada até a Enseada do Abraão, fundeamos no começo da noite próximos ao Aviso de Instrução GM Brito, que fazia nossa escolta até Villegagnon.

As poucas horas de sono àquela noite foram entrecortadas pelos revezamentos dos turnos de serviço e pela expectativa do que nos reservaria o dia seguinte. Logo o relógio marcou 03:00 h e o Aluno de serviço chamou todos ao convés — era hora de suspender. Aquela hora da manhã não fazia frio, mas a madrugada estava úmida e, como não houvesse vento, o Aviso de Instrução rebocou-nos para fora da enseada até próximo à Ilha da Marambaia.

Seis horas da manhã e começava a clarear, o vento ainda era muito fraco; os três barcos estavam próximos um do outro mas a vagaria vinha forte do leste. O tamanho das ondas por vezes dava a impressão de encobrir o barco do lado. E assim ficamos aproveitando do pouco vento, até que começamos a sentir as rajadas dos alísios de leste/nordeste.

O vento fez-se constante, de leste, com irregulares e fortes rajadas que venciam o esforço das tripulações para readriçar os barcos. As adernadas e as ondas criaram impressionantes visões de cascos despencando das cristas para o cavado, e das obras vivas onde se via a quilha dos veleiros a sotavento.

Poucos minutos que duraram muitos; logo que se sentiu a intensidade do vento começamos a "rizar panos" (diminuir a área vélica) e poupar o "aparelho" pois ainda eram muitas milhas a navegar.

Panos caçados e rizados, avançamos milhas e lhas contra vento e mar. Toda a manhã velejamos contra vento leste, que foi rondando para nordeste até o fim da tarde.

Ao pôr do sol, para segurança das tripulações, passamos cabos para o Aviso de Instrução que nos recebeu às primeiras horas da noite, até chegarmos à Escola Naval por volta de 23:00 h.

Atracados ao cais, terminava a esperada viagem. Não foi um passeio, longe disto, foi uma importante experiência de vela e marinharia.

Aluno FERRARI



DEPARTAMENTO DE ALUNOS



Nesta longa travessia de três anos, é importante lembrar que nunca estivemos sozinhos. Aos oficiais do Departamento de Alunos, que muito mais que simples orientadores foram nossos amigos, transmitindo-nos uma grande carga de experiência que nos servirá de alicerce para a vida futura e de amor à Marinha, o nosso reconhecimento.

Capitão-de-Fragata ANTONIO SILVA ANDRÉ DA COSTA
Comandante do Corpo de Alunos

Capitão-de-Corveta FRANCISCO HERÁCLIO MAIA DO CARMO
Imediato do Corpo de Alunos

Capitão-Tenente HAMILTON JORGE DA GAMA HENRIQUE
Comandante da 1ª Companhia

Capitão-Tenente ROGÉRIO OLIVEIRA DE BRITO
Comandante da 2ª Companhia

Capitão-Tenente NEY SILVEIRA SIMÕES
Comandante da 3ª Companhia

Capitão-Tenente MARCOS LAZARINI DOS SANTOS
Comandante da 4ª Companhia

Capitão-Tenente MAURÍCIO PEREIRA DE SAMPAIO
Comandante da 5ª Companhia

Capitão-Tenente (QC-CA) EVERALDO LUIZ MILARÉ
Encarregado Div. Atividades Extraclasse

Segundo-Tenente (C-QC-CA) THOMAS GEORG REINOLD
Encarregado Div. Educação Física e Esportes



O Patrono

Almirante Paulo Moreira

(Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.)

Sim, o homem sonha. Todo homem precisa de um sonho. Mas quando este sonho inspira uma vontade, cuja orientação se traduz em esforços coordenados, o seu poder se torna ilimitado. Foi assim que o homem conquistou o Espaço e, desta mesma forma, tenta desvendar os mistérios deste imenso Oceano. Não os oceanos; mas um único, contínuo. Um oceano mundial, um ainda comparativamente preservado oceano mundial, essencial, não só para a nossa saúde, mas, em verdade, para a saúde da terra, única possível fonte ecológica redenção e renovação. Ele, indispensável parte para o sucesso e funcionamento da Biosfera, é o providenciador da temperatura, água e alimento.

Hoje, tudo o que dele sabemos devemos a alguns homens que, movidos por incompreensíveis, mas apaixonantes sonhos, dedicaram grande parte das suas vidas ao seu estudo e desvendamento das suas riquezas e importância para o ser humano. Um deles foi o Sr. Paulo de Castro Moreira da Silva, nosso Patrono. Por isso, não que pese gratificante, difícil e árdua a tarefa de narrar a história de uma das maiores personagens do nosso século, um misto de cientista e marinheiro, filósofo e escritor, mestre de invulgar saber, excepcional capacidade de trabalho, dedicação e brilhante imaginação.

Não foi uma tarefa fácil. Foi um trabalho de pesquisa, onde o apoio constante de seu irmão, o Eng. João Batista de Castro Moreira da Silva, e, do eterno amigo, Alte. Eddy Sampaio Espellet, muito mais do que um simples colega de turma, um verdadeiro companheiro de longas jornadas, foram as pedras fundamentais sobre as quais se edificou este trabalho. A cada passo, era mais difícil não apaixonar pela obra do poeta, do literato, do oficial, do cientista, do homem, do homem Paulo Moreira.

O homem que nos surge como exemplo de marcantes virtudes de inteligência e a coragem — aquelas que, no dizer platônico, verdadeiramente as únicas existentes, nasceu no dia 18 de outubro de 1919, no então Distrito Federal, atual cidade do Rio de Janeiro, filho de Amílcar Moreira da Silva e Francisca Eloiza de Castro Moreira da Silva. Ele teve uma infância difícil, pois seu pai, comandante de submarino, morreu aos trinta anos, deixando uma viúva e quatro filhos.

Paulo Moreira, o mais velho, sobre quem pesava uma forte compulsão econômica, a qual sentia como moral, optou pela Escola Naval, na qual ingressou em 1936, movido por duas razões distintas. A primeira era uma imensa admiração por seu pai, vulto que marcou, apesar do pouco tempo de convivência, a vida do menino. Ele deixara uma obra que permanecia inacabada. Surgiu uma estrada sobre o vazio existencial. Era uma estrada de busca. A segunda razão se caracteriza por um forte sentimento de amor à Pátria, amor que não hesitava de proclamar: "Era o ato mais lógico, a maneira mais elegante de servir ao meu país".

A sua vocação para o mar se manifestou, inicialmente, lírica e poética, ainda na Escola Naval, nas belíssimas páginas de "A Galera" de 1939, onde foi tudo: Presidente, redator, diagramador, angariador de anúncios e distribuidor. Logo tomou como "causa" a defesa dos oficiais "literatos". Havia, naquele tempo, um forte preconceito contra estes oficiais. Receava-se que passassem a fazer da Ma-

rinha uma sinecura e vivessem, realmente, para as Belas Letras. Paulo Moreira fez questão de resistir à legenda, dedicando-se com igual afinco à carreira e à literatura. Como Segundo-Tenente, embarcado, em plena Guerra, conseguiu tempo para traduzir um grande número de livros, entre eles, alguns de Aldous Huxley.

Nomeado Guarda-Marinha em 1939, sucede-se uma série de embarques até que ocorreu o fato que marcou definitivamente sua personalidade e que muito contribuiu para que objetivasse o seu caminho.

Embarcado no Encouraçado São Paulo, durante a Guerra, foi acometido por uma moléstia. O então jovem Tenente Paulo Moreira teve que se afastar da Guerra, em decorrência de um pneumotórax espontâneo, indo passar grande parte dela em serviço no Rio de Janeiro, ao invés de no mar. A sua ausência no campo de batalha lhe criou um complexo de culpa perante seus colegas, a Marinha e a Pátria. E, como forma de resgatar essa culpa, dedicou-se ao estudo do mar, não mais como poesia, como nos tempos de "A Galera", nem como navegante ou Oficial de Marinha, mas como ciência, como oceanógrafo, no que foi pioneiro em nosso País. Da sua dedicação nasceu a Oceanografia no Brasil e esclareceram-se grandes problemáticas, verdadeiras dialéticas mundiais. Era necessário descobrir um meio de ser útil ao País e, desse modo, ajudar este povo que tanto amava. O caminho escolhido para realizar tal objetivo foi aquele que lhe pareceu mais óbvio. Entretanto, teve a sua origem bem definida por dois fatores: em primeiro lugar, a oportunidade de servir na EN, onde o colocaram, à revella, como instrutor de Meteorologia; pouco depois, na DHN, deram-lhe uma Divisão que só existia no papel: Meteorologia e Oceanografia. Função que assumiria concomitantemente com a de Ajudante-de-Ordens que já exercia.

Disposto a criar efetivamente a Divisão, o então Capitão-Tenente Paulo Moreira convenceu-se de que era preciso estudar muito e obter, dos que sabiam, o conhecimento necessário para implantá-la no Brasil. No entanto, naquela época, nenhuma Marinha se preocupava em se aperceber da verdadeira importância daquilo que consideravam uma espécie de "literatura das belezas do mar".

Por tais razões pediu licença para buscar os conhecimentos no exterior, sem nenhum ônus para a nação. À sua custa, foi colher as informações de que necessitava na França e na Inglaterra. O dinheiro era pouco e Paulo Moreira viu-se obrigado a deixar uma filha no Brasil. Era um sacrifício pessoal para a glória de toda a humanidade.

Na França, dividia um andar de hotel em Mônparnasse — no Hotel Venetia — onde residia com outros brasileiros. Nesse momento, teve a oportunidade de conviver com vários artistas, entre eles, os pintores Cloves Graciano, seu sócio de apartamento, e Bandeira; a escritora Eneida e o Jornalista Rubem Braga.

Por estar custeando seus estudos, Paulo Moreira teve que reduzir o tempo normal dos cursos, além de tirá-los simultaneamente. Desta forma, freqüentava o Serviço Central Meteorológico (onde teve a glória de prever a primeira nevada que caiu em Paris no ano de 1950), aulas de Geologia Marinha na Sorbone, aulas de Magnetismo e Gravimetria no Observatório de Paris e aulas de Biologia Marinha no Museu de História Natural.

O Patrono

Dos cursos freqüentados, em virtude da discrepância entre o tempo normal de duração e o realizado, não obteve diplomas. Na verdade, como ele mesmo dizia, fez-se oceanógrafo e meteorologista. Realmente, não se precisa de diplomas para trabalhar e amar. Pode-se viver uma vida magnífica quando se sabe realizar a sua associação. Trabalhar pelo que se ama e amar aquilo em que se trabalha é conquistar a felicidade. Nesse meio tempo, escrevia sobre os assuntos estudados. Escritos esses que, em sua maioria, tornaram-se obras publicadas e esgotadas.

De regresso, foi servir na DHN, tendo sido encarregado de estudar a criação de um Departamento de Geofísica, incentivado pela proximidade do Ano Geofísico Internacional. Pouco tempo depois, através de uma reforma no regulamento da Diretoria de Hidrografia e Navegação, foi criado o tão sonhado Departamento. A batalha estava ganha, mas somente no papel. Era preciso torná-lo real.

Com o esforço e a colaboração de amigos e simpatizantes da mesma causa, foi obtida, do Ministro da Marinha, Alte. Câmara, a liberação dos veleiros "Almirante Saldanha" e "Guanabara", além de uma verba de doze milhões de cruzeiros do Fundo Naval.

E deu certo. Pois com o "Almirante Saldanha", ainda que velho e veleiro, pouco se utilizando do seu já cansado motor auxiliar, nasceu a Oceanografia na Marinha Brasileira.

Nesse período, improvisou-se muito. As análises químicas tais como salinidade, teor de oxigênio, nitratos, fosfatos, silicatos e outras eram feitas por Paulo Moreira e ensinadas a um seleto grupo de homens cujo valor reconheceu em biografia do próprio punho, onde ressaltava que a Marinha do Brasil tinha os melhores marinheiros do mundo que, afinal, são povo, e que o Brasil tem o melhor povo do mundo.

A partir do Ano Geofísico Internacional, o "Almirante Saldanha", já sob o comando do Capitão-de-Fragata Paulo Moreira, trabalhou virtualmente para a pesca, quando foi constatado que não se sabia tirar partido da informação oceanográfica, ou seja, que se era incapaz de ler naqueles números e mapas as indicações úteis à atividade pesqueira. Mas, um belo dia, o "Almirante Saldanha" parou. Era preciso um motor novo e isto era, até então, virtualmente impossível. Só havia uma saída, os recursos teriam que vir de fora, ou seja, da UNESCO, através da sua Comissão Oceanográfica Intergovernamental (COI), na qual Paulo Moreira foi o nosso representante durante oito anos.

Existia na UNESCO um projeto de construção de um navio oceanográfico internacional que prestasse serviço a todos os países, o qual foi condenado por Paulo Moreira que o cognominou como "Torre de Babel sobre a Arca de Noé". Na mesma sessão recomendou que a verba fosse destinada a dois países em desenvolvimento que tivessem navios adaptáveis à Oceanografia, entre os quais o Brasil, o outro seria a Índia. A idéia foi aprovada e Paulo Moreira retornou para o Brasil com o dinheiro da UNESCO para a almejada reforma do "Almirante Saldanha".

No que pese ter sido a doação de apenas US\$ 75.000, a idéia estava lançada e um apoio internacional havia sido conquistado. Em troca desse apoio, comprometia-se o Brasil em organizar uma viagem de iniciação oceanográfica para universitários de todos os países da América Latina.

O Brasil passava a querer a reforma do "Almirante Saldanha". A Marinha passava a querer a reforma do "Almirante Saldanha". Fez a obra o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, com recursos inteiramente próprios. Foi uma tarefa gigantesca. Com verbas escassas e

incertas, mudou-se o "layout" do navio, tiraram-se os mastros, mudou-se o motor e instalaram-se os laboratórios financiados pela COI. Nessa obra, Paulo Moreira foi operário, delineador, mestre e engenheiro.

Os trabalhos realizados no NOc "Almirante Saldanha" somente trouxeram benefícios ao País, entre eles, a desmitificação da pesca. Sim, pois "o grande inimigo da verdade" — como disse certa vez o Presidente Kennedy — "Não é a mentira, meditada, forjada e desonesta, mas o mito, persistente, persuasivo e desligado da realidade". O inimigo do mar, como nos mostrou Paulo Moreira, é o mito, ou melhor, a profusão de mitos que sobre ele existe no espírito do povo: o mito da sua produtividade infinita e gratuita; o mito da profusão de riquezas minerais ao alcance da mão.

Alguns desses mitos foram particularmente calamitosos para o Brasil. Cita-se como exemplo, aquele que diz que o peixe brasileiro está no Nordeste. A verdade é que o peixe brasileiro, barato e em grande quantidade, está no Sul e que o Nordeste é rico em peixes raros, de alto valor comercial. Entretanto, o mito orientou a administração pesqueira para a exploração do peixe na região nordestina. Um segundo mito é que o peixe não necessita ser criado e alimentado, que é só ir buscá-lo no mar. Na verdade, não podemos aperfeiçoar a captura, mas sim, a produção, sob pena de tornar a pesca em predação.

O NOc "Almirante Saldanha" ainda operou sob o comando de Paulo Moreira por dois anos, dele saindo para dirigir o Instituto de Pesquisas da Marinha, onde seguiu na sua missão de cientista com o desenvolvimento de vários projetos oceanográficos e navais, entre os quais o Projeto Cabo Frio.

Partindo do princípio de que o oceano produz pouco, porque as águas superficiais são pobres de adubos — o fosfato e o nitrato — que estão nas águas profundas e que onde essas águas afloram — verdadeiros oásis que constituem apenas, sua totalidade 0,01% da superfície do oceano — o oceano produz. E produz muito. Apenas o que quer, e o que quer é geralmente sardinha. Em Cabo Frio condições naturais fazem com que essas águas profundas e ricas afluam. Às vezes, ap-

nas. Mas, de qualquer maneira, são sempre encontradas, sob o farol, a menos de 50 metros de profundidade. Paulo Moreira idealizou o Projeto Cabo Frio que consistia em aspirar essas águas e aprender a criar nelas peixes de mais alto valor comercial, como pampas, chernes, robalos, lagostas e camarão. A operação de bombeio deveria se tornar em subproduto de uma outra atividade remuneradora e proveitosa. Um processo de dessalinização da água do mar por congelamento, adaptado, permitiria produzir, com a água profunda, gelo e salmora, que poderiam vir a pagar a experiência, que não era a única no mundo, mas que só teve rival uma experiência norte-americana, semelhante, nas Ilhas Virgens e um projeto francês, na Polinésia.

Muitos estudos e pesquisas foram desenvolvidos no Projeto Cabo Frio, não somente no campo da criação e alimentação do peixe, como também, no desenvolvimento de equipamentos para tais atividades, cujos resultados foram transferidos para a atividade privada e tem sido largamente empregada e responsável pelo aumento da oferta de pescado no mercado atual.

Hoje, o Projeto Cabo Frio tomou rumo, qual seja o de transformar-se em um Centro de Oceanografia Física e, em homenagem, se denomina Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira.

Outra realização de Paulo Moreira foi a criação, juntamente com o amigo Almirante José dos Santos Saldanha da Gama, da Funda-



ção de Estudos do Mar — FEMAR. Foi um ato de desespero e revolta contra os homens que faziam o Projeto Brasil como se não tivessem mar. A FEMAR nasceu para conscientizar esses homens da sua importância. A partir daí o País acordou para a sua importância.

Um importante reconhecimento viria no dia 29 de maio de 1973, quando a sociedade brasileira o reconhecia como personalidade Global do Ano das Ciências. Na época, proferiu as seguintes palavras:

"... Nada do que aqui conto é para glória pessoal. Se O Globo, premiando-me, faz ato de justiça, não posso aceitar sozinho. Tenho a obrigação de repartir essa justiça com todos os que comigo colaboraram, e colaboraram com sacrifício, e tanto dos quais humildes, e letrados, mas capazes e diligentes. Não é tão necessário que o Brasil acredite em mim quanto que acredite neles. E que nós acreditemos firmemente nos nossos filhos. Dvidar dessa gente humilde e desses jovens é a única dúvida que, do alto dos meus céuticos e bem sofridos, 53 anos, não me permito."

Posteriormente, há 12 de junho de 1975, receberia o prêmio Henning Albert Boilesen de 1974, no Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, em São Paulo. Na oportunidade, pronunciou um dos discursos mais lúcidos e bem elaborados de que se tem notícias. Esse discurso teve repercussão semelhante à sua essência. É uma mensagem, original e inteligente, aos jovens estudantes e à classe dirigente do País. Reproduzimos, em parte, alguns de seus trechos:

"Uma só coisa me aflige. A inteligência, segundo Piaget, tem duas propriedades: compreender e inventar. Em nosso País, a inteligência está compreendendo, mas não está inventando; e excluída a hipótese infame e descabida de uma inferioridade congênita, isto só pode provir de estarmos ensinando nossos filhos a compreender, mas não a inventar. Por qualquer defeito ou falha do nosso sistema, não estamos estimulando a imaginação criadora, que Einstein coloca acima da cultura numa famosa frase tão gratuitamente criticada, sem compromisso ou engajamento: "a imaginação é mais importante do que o conhecimento". Não existe desenvolvimento autêntico sem invenção, e o desenvolvimento postiço não faz uma Nação, mas um mercado."

Porém, no dia 1º de maio de 1983, o destino pregou-nos uma peça: levou o nosso Cientista, levou o homem que dedicou grande parte da sua vida ao mar, ao País, à humanidade. Nessa data, o NOc "Almirante Saldanha" singrava pelos mares como que saudando o seu idealizador.

Algum tempo depois, quando o homem já voltava ao pó, encontrou-se uma carta no cofre do NOc "Almirante Saldanha" seu conteúdo transcrevemos:

"N.Oc. ALMIRANTE SALDANHA.
No mar, a 18 de março de 1966.
Ao Comandante do ALMIRANTE SALDANHA.

Se, ao termo da minha vida, ainda se julgar, por ventura, que eu haja merecido algum reconhecimento de minha classe pelos esforços que lhe dediquei, desejo que meu corpo seja, com simplicidade e sem melodrama, lançado ao mar, da plataforma da estação oceanográfica; isto sem luto ou tristeza, na convicção de que nada me poderia dar mais conforto ou felicidade do que ter os meus despojos confiados à eternidade divina do elemento a que dediquei tantos anos de minha vida.

Ass. PAULO DE CASTRO MOREIRA DA SILVA
Capitão-de-Mar-e-Guerra

Passado o período legal de cinco anos, a Marinha do Brasil, em cerimônia simples, mas de muita emoção e com todas as honras a que tinha direito, cumpriu o seu último desejo. Seu corpo, a seu pedido, desembarcou da Plataforma Oceanográfica do NOc "Almirante Saldanha", desta vez para sempre. Em última saudação o Alte. Márcio Lyra proferiu as seguintes palavras:

"Essa honraria, meus amigos, não a podemos sustar, é o mar que acolhe, em seu íntimo, com afeto e dignidade, o denodado espião de seus segredos."

Na mesma ocasião, o Alte. Espellet relembrou as palavras ditas por Paulo Moreira na ocasião da morte de seu grande inspirador, Alte. Saldanha:

"Este sepultamento me lembra um crepúsculo. O sol que se põe faz, mesmo dos mais pequeninos, as mais enormes sombras, dando-lhes, por momentos, a ilusão da grandeza. Mas, o sol posto, anulam-se subitamente as sombras, e os homens ficam sós, cada qual contido na sua verdadeira estatura, envolvido na grande noite escura. Esses homens se lembrarão, esta noite, que tiveram a fortuna de conviver com a grandeza. Lembrar-se-ão dos sonhos magníficos e alucinados que lhes contou o guerreiro morto. Lembrar-se-ão em seu sonho maior, que foi a sua Marinha a serviço de sua Terra. Uma Terra que só concebia grande, ou nenhuma. Terra que queria audaz, desassomburada, generosa, justa, e não uma terra acovardada de seu próprio futuro. Nesta terra ele se põe, como se põe o sol. Não receemos, os sobreviventes, a imagem do crepúsculo. Pois todo crepúsculo é, ao mesmo tempo, uma aurora."

Por fim, concluiu:

"Assim, meu caro Paulo, aguardarás impaciente no fundo do mar até que teus sonhos se concretizem, que o mar seja cada vez mais conhecido dos brasileiros e que possa ser melhor aproveitado em todos os seus aspectos. Assim seja. Descansa em paz."

A vida e a obra do Almirante Paulo Moreira não findou, elas permanecem como vivo exemplo de dedicação à Marinha, à Pátria e de amor à Humanidade, a cujos serviços rendeu todos os sacrifícios que o seu corpo e mente puderam suportar.

AI. OLINTO

BIBLIOGRAFIA

- discurso proferido pelo Alte. Eddy Sampaio Espellet por ocasião do lançamento dos despojos do alte. Paulo Moreira no mar;
- discurso proferido pelo Alte. Márcio Lyra na mesma ocasião;
- biografia escrita pelo próprio Alte. Paulo Moreira;
- curriculum vitae;
- relação de comissões ao longo da carreira (S.D.G.M.);
- discurso do Alte. Paulo Moreira por ocasião do recebimento do prêmio Henning Albert Boilesen;
- discurso proferido pelo Alte. Paulo Moreira na International Ocean Exposition in Okinawa;
- cópia da carta escrita pelo Alte. Paulo Moreira e deixada no N.Oc. "Almirante Saldanha";
- o livro "O Desafio do Mar" de autoria do Alte. Paulo Moreira — Ed. Sabiá Ltda.

VENCENDO MARES REVOLTOS.

A pesar da situação difícil para as empresas de transporte marítimo internacional, principalmente para as que tinham contratos firmados com bastante antecedência, como a **DOCENAVE**, foi possível alcançar-se bons resultados.

Na esteira do ano de 1988, a empresa tem para o presente exercício a perspectiva de um transporte de grânéis de cerca de 31 milhões de toneladas.

Graças ao sistema combinado de cargas, elevado padrão administrativo e tecnológico, os objetivos vêm sendo alcançados.

Em 1989, já recebemos mais um navio, o "**DOCERIO**", de 170.100 tdw e outro, o "**DOCESSERRA**", do mesmo porte bruto, deverá ser entregue brevemente.

A **DOCENAVE** continua, assim, vencendo mares revoltos.

VALE DO RIO DOCE NAVEGAÇÃO S.A.
DOCENAVE 

CASA MAYRINK VEIGA

MAIS DE 100 ANOS DE TRADIÇÃO E COMPETÊNCIA EM BONS NEGÓCIOS.

Fundada em 1864 vem atuando com sucesso no mercado brasileiro, tendo concretizado um grande número de negócios de vulto, em particular junto a organizações governamentais. Seu campo de atuação transcende a atividade puramente comercial, estando apta a apoiar suas representadas e clientes no planejamento e execução de programas em que seja requerida transferência de tecnologia e nacionalização de equipamentos e serviços. Recentemente a Casa teve participação no fornecimento e nacionalização para a



Marinha do Sistema de Armas dos submarinos IKL, do Sistema de Combate das Corvetas, dos torpedos MK24, dos mísseis Sea Skua e Simuladores para instrução e treinamento de pessoal, entre outros. No que concerne a nacionalização, a Casa Mayrink Veiga, para atender os requisitos da Marinha na aquisição do Sistema de Combate das Corvetas, fundou em 1980 a SFB Informática S.A., da qual detém 70% do capital. A SFB está atualmente capacitada a atuar na área de sistemas digitais de controle para aplicação tanto militar quanto civil.



CASA MAYRINK VEIGA S.A.

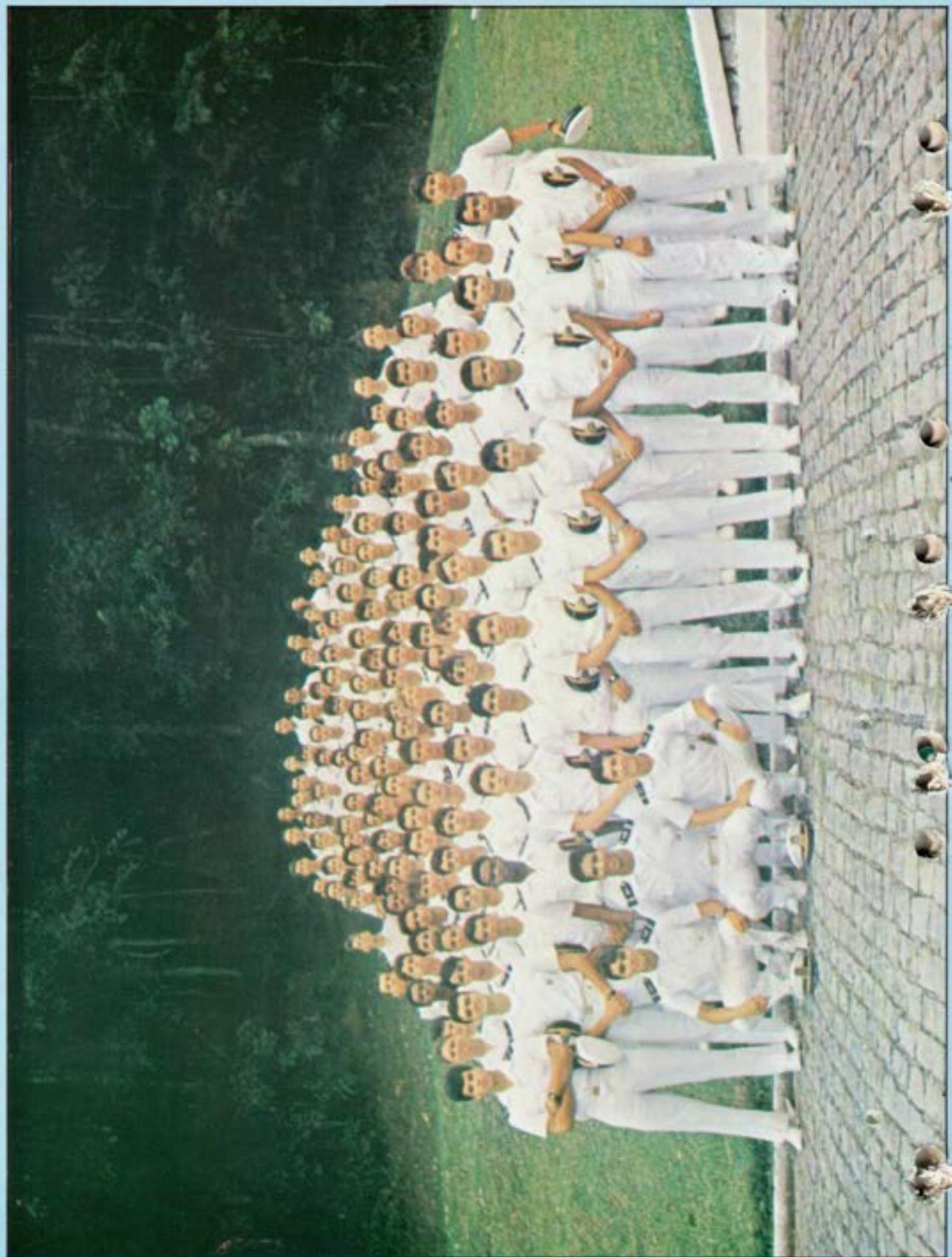
Rua Mayrink Veiga, 171 • 20.090 - Rio de Janeiro, RJ • Tel.: (021) 223-3161

• Telex (021) 31340 MAYVE BR (021) 31063 MAYVE BR •

A TURMA

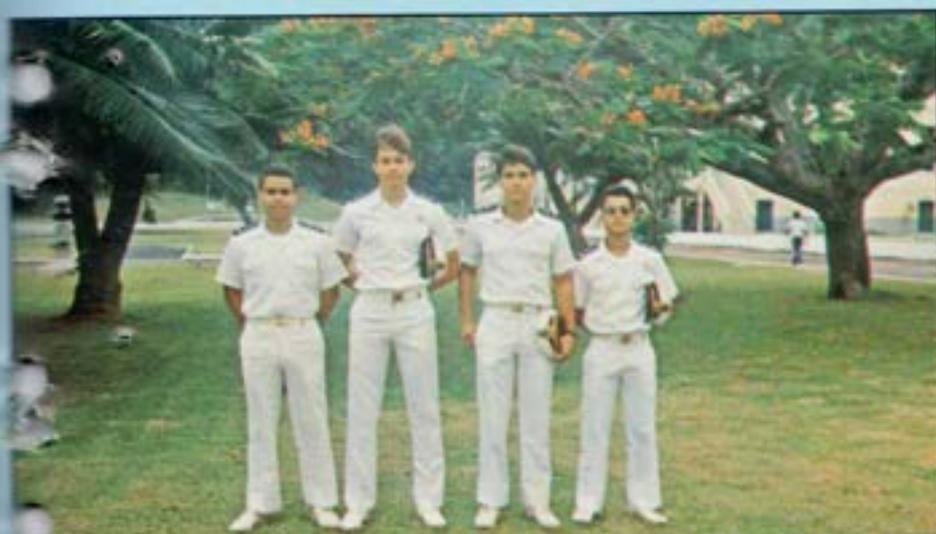


ALTE PAULO MOREIRA





Comandante-Aluno Neif e Imediato-Aluno Rômulo



Jesus, Marcos César, Faulhaber e Lopes



Jesus, Cláudio Marinho, Vinícius e Belarmino

OFICIAIS-ALUNOS

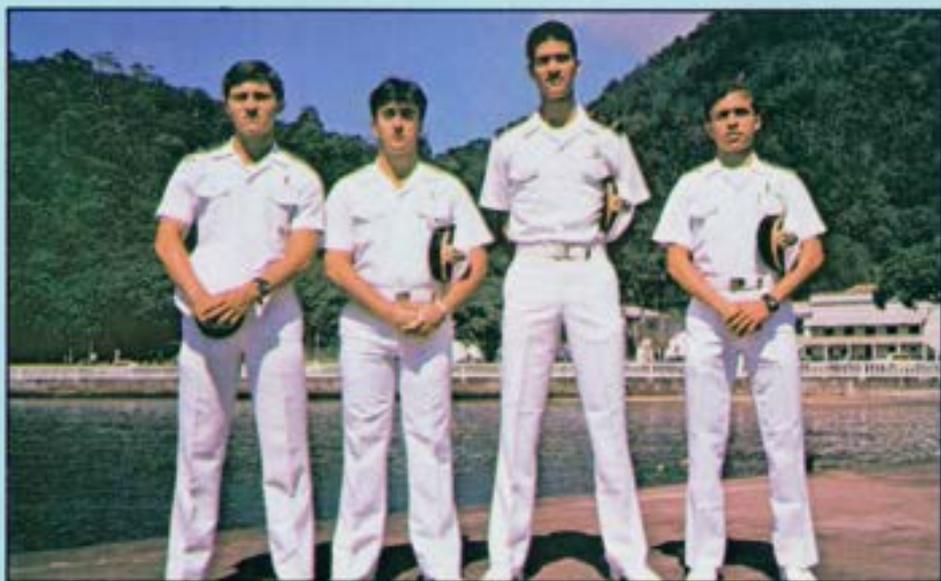
Nós, Oficiais-Alunos, podemos recordar como foi difícil e ingrata a escolha que fizemos por volta de 1988. Éramos, sem dúvida, naquela época, repletos de ansiosos e sonhos que nos levaram a uma acirrada disputa, altamente competitiva e leal, através da qual esperávamos chegar ao final do ano e vermos nossos ideais realizados. Nosso almejado "barrete" ser conquistado com muita luta e garra.

Estudamos o ano inteiro e ainda me lembro dos momentos em que as notas eram liberadas e todos corriam a anotá-las na esperança de ter alcançado o grau máximo. Era emocionante e reconfortante quando você percebia que seu intento tinha sido obtido; mais uma difícil batalha vencida.

Quando ao término do ano, mais precisamente em dezembro, foi liberada nossa classificação, pudemos verificar que toda a luta, sacrifícios e sonhos foram concretizados; muitos que se empenharam não conseguiram constar nestas reduzidas vagas, mas não deixaram



Rodrigo Nunes, Rodrigues, Silva Júnior e Aquino



Taylor, Felipe, Aldy e André Barros



Santana, Seifert, Silva e Bruno

de exibir a vibração e vontade que a todos induziu. Porém a corrida teve seu fim e os consagrados puderam se sentir tranquilos e eufóricos neste momento.

Em um breve instante, todos estes sentimentos se voltaram para uma nova missão, talvez até mais difícil que a anterior, a tão lembrada "adaptação".

Ao chegarmos ao Colégio, em fevereiro, para passar por um novo período de nossas vidas, conseguimos entrar em contato com as responsabilidades de que um Oficial-Aluno é encarregado. Nossa função exprime uma posição privilegiada onde somos incumbidos de comandar pelotões e companhias, representando os Oficiais e dando exemplo a cada subordinado. Devemos, acima de tudo, mostrar e impor nossa personalidade em relação a esta nova situação.

Todos estes encargos são realmente duros e pesados, pois você torna-se uma parcela fundamental no controle dos alunos e seu comportamento.

Ficamos cientes deles e podemos colocá-los em prática nesta adaptação. Foi uma época de aprendizado a todos, tanto aos primeiranistas quanto aos Oficiais-alunos. Conseguimos obter bons frutos e uma total satisfação ao ver a difícil mudança ocorrida em cada "novo aluno" do Colégio Naval.

Teríamos que encarar agora mais uma batalha, o ano letivo de 1989. Todos nós sabíamos que seria duro e fatigante, mas, no nosso interior, reinaria um imenso desejo de vencer e conduzir o Colégio na mais perfeita ordem e disciplina. Esta jornada realmente foi muito sinuosa e cheia de obstáculos, mas sobrepujamos sem temor a cada um deles.

Acredito que, ao passar o comando de nossos pelotões e companhias, todos nós, Oficiais-alunos, poderemos nos sentir realizados e com a certeza do dever cumprido no curso de mais um ano de nosso querido Colégio Naval.

Oficial-Aluno TAILOR



Em pé - Cláudio Maristh, Alexandre de Melo, Lúcio e Vinícius
Agachados - Silva Lima e Uzeda



Em pé - Nelf, Cruz e Lins de Meilo
Agachados - Gilson, André de Souza e Contreiras



Em pé - Quintino, Gonzaga, Victor e Ferrari
Agachados - Silvío, Ewandro, Tripoli e Brayner



Em pé - Mendes, Silva Santos, Clojo, Tárík e Galante
Agachados - José, Max, Eduardo e Denilson



Em pé - Teodor, Batista Júnior, Adriano, Freitas e Eleutério
Agachados - André Barros, Felipe, Rômulo e Bruno



Em pé - Marcelo Gonçalves, Belmaki, Alvim, Babinsck e Marcelo Gois
Agachados - João, Érick, Mouda e Henrique Costa



Em pé - Eduardo Oliveira, Silva, Sobrinho e Barbedo
Agachados - Assad, Oro e Tabalnick



Horst, Lopes Júnior e Olimio



Em pé - Jorge Luís, Patrício, Tadeu, Sasse e Santana
Agachados - Aldo, Lopes e Luís Souza



Em pé - Aurélio, Monforte, Velloso e Herbert
Agachados - Paixão, Carlos Henrique e Marcelo Silva



Em pé - Loureiro, Paulo César, Hangel e Rodrigo Nunes
Agachados - Sá, Girão, Fausto e Waldez



Em pé - Amendoeira, Danilo Nery, Assano e Posada
Agachados - Ozório, Guimarães, Ássis Brasil e Anderson José



Em pé - Frôres, Fayal, Walter Silveira e Leandro
Agachados - Wagner, Honorato, Márcio Gomes e Araújo



Zentoula, Barros, Magalhães, Alexandre Moraes e Seifert



Em pé - Renato, Peçanha, Marendaz e Lessa
Agachados - Belarmino, Miranda, Figueira e Aldy



Em pé - Linares, Azevedo Lima, Edílio, Severo e Pereira da Cruz
Agachados - Pequeno, Marcio Conde e Carmo



Em pé - Emílio, Bachini, Gioseffi, Alexandre Veras
Agachados - André Leite, Benevides, Fabiano e Gláucio



Em pé - Freitas Júnior, Valnei, Gilberto e Werneck
Agachados - Pereira Santos, Marcos, Da Costa e Sérgio Dias



Em pé - Braz, Silbert, Fnuhhaber, Marcus Vinícius e Rodrigues
Agachados - Luiz Couto, Silva Júnior e Leonardo



Em pé - Marcos César, Mattos e Merlim
Agachados - Parente, Balter e Bessa



Em pé - Marcelo Pereira, Aquino, Valeiko e Brandão
 Agachados - Daniel, Fabrício, Calhau e Ernesto



Em pé - Pieroni, Stewart, Pavoni, Nakata e Munk
 Agachados - Damasceno, Balsch, Rabello, Issa e Teixeira



DOCEFJORD: mineiro-petroleiro de 305.000 TPB.

1959. O Programa de Metas do Governo brasileiro propunha rápido desenvolvimento nacional através da industrialização.

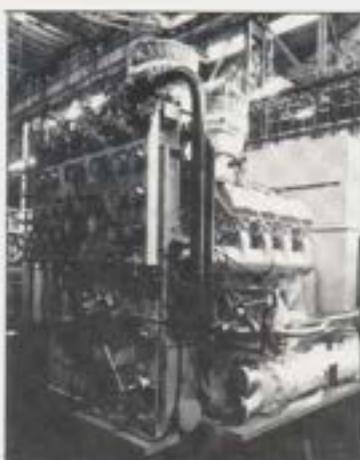
Nós, da Ishibras, aceitávamos o convite e enfrentávamos um desafio.

Ishibras. Três décadas aperfeicoando uma idéia.

Premium



Ginástica matinal para aquecimento muscular.



Motor Diesel Ishibras.



Vista aérea do Estaleiro na Ponta do Caju, Rio de Janeiro.

Trouxemos a melhor tecnologia que conhecíamos para incentivar o progresso da indústria naval brasileira, no ano passado a 4.º do mundo em tonelagem bruta de navios construídos.

Quando viemos, trouxemos mais do que know how. Trouxemos o coração e vestimos a camisa de um país que nos recebeu com entusiasmo.

Atualmente, a Ishibras emprega 4.100 funcionários que dão o melhor de seu desempenho no estaleiro da Ponta do Caju, na fábrica de Campo Grande e nos nossos escritórios.

Quando um navio construído por nós leva a bandeira brasileira a distantes portos do mundo, segue com ele nossa capacidade técnica e a nossa eficiência.



Ishibras

Ishikawajima do Brasil - Estaleiros S



FERRAMENTAS DE CORTE



- Pastilhas intercambiáveis de metal duro.
- Limas rotativas de metal duro.
- Ferramentas soldadas com pastilhas de metal duro.
- Porta-ferramentas.
- Pastilhas para solda de metal duro.

V E N N W I D I A Comércio e Representações Ltda.

REVENDEDOR BRASSINTER



Rua Santa Brígida, 37 - B - Penha — fone: 280-5363 - (PABX)
CEP: 21.070 - Telex: 2133130 RRLP - Rio de Janeiro - RJ.

A CONJUGAÇÃO INTELIGENTE ENTRE O INTERESSE DO ESTADO E A EFICIÊNCIA DA INICIATIVA PRIVADA



Esse é o segredo do empreendimento cujo sucesso representou a solução cabal do grave problema crônico de fabricação de munições de artilharia no Brasil.

A FI é uma empresa privada de capital nacional, que opera instalações industriais da Marinha, sob regime de arrendamento, estando apta a produzir munições na faixa de 35mm a 155mm.



FI INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Esc. Av. Rio Branco, 26 - 8º andar - Rio de Janeiro - Brasil
CEP 20090 - Tel. (021) 233-1188 - Telex (021) 23997 FIILBR
Fáb. Av. Brasil, km 45 - CEP 23000 - RJ - Tel. (021) 394-9797



Até breve...

*Os quepes voaram alto
E nossos olhos acompanharam o seu desenvolver
No céu azul.
Aos poucos, as lágrimas tomaram conta da nossa face.
Corríamos de encontro aos familiares e amigos.
O abraço apertado e o afago aos cabelos
Mostraram que não estivemos sozinhos durante esses três anos.
Foi uma vitória coletiva
De uma fase que ficará para sempre em nossos corações.*

*Em minutos, a multidão se dispersou.
Agora, cada qual seguirá o seu caminho,
Mas trará sempre em sua memória
As lembranças daquele Colégio,
Fincado na Enseada Alte. Batista das Neves,
Que nos fez homens.
Até breve, meu Colégio, um dia eu volto.*

AL. OLINTO

